

Leon Nunes

Escolhido

Fábrica de Ebooks

O Escolhido

Autor: Leon Nunes

O Escolhido

Copyright © por Leon Nunes

Projeto editorial por Ademir Pascale

Arte da capa: Designed by Freepik

www.fabricadeebooks.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial

Obra protegida por direitos autorais

2015

Leon Nunes

“Nada jamais começa.

Não existe um primeiro momento (...).

As retas sempre podem ser traçadas de volta a alguma narrativa anterior, e às narrativas que a precederam (...).

Assim, o pagão será santificado, o trágico se tornará cômico (...).

Nada é fixo. A lançadeira do tear joga e recolhe, fato e ficção, mente e matéria, tecidos em padrões que podem ter apenas isso em comum: o fato de que, escondida no meio deles, está uma filigrana que, com o tempo, se tornará um mundo.”

Clive Barker – A Trama da Maldade

*“Se um homem pudesse atravessar
o Paraíso num sonho, e ter uma flor presenteada
como prova de que sua alma realmente
estivera ali, e se ele descobrisse
a flor em sua mão ao acordar –
Aí, e então?”*

Samuel Taylor Coleridge – *Anima Poetae*

“Somos da mesma substância que os sonhos.”

W. Shakespeare, *A Tempestade*

A todos os Poetas Sonhadores

Capítulo I

Primeiras lembranças

1

Grécia. Recordo. Foi no ano de 2005. Atualmente eu escrevo num hotel vagabundo de Istambul [pretendo voltar ao Brasil o quanto antes, ao término deste]. Ano atual: 2015. Reminiscências: o ano em que eu estive em terras gregas (2005, portanto), também sobre a minha *fuga*. Coisas aconteceram desde a minha partida daquelas terras *encantadas*. E coisas já haviam acontecido enquanto eu nelas estava. Dez anos. O suficiente para perpetuar todas as *transformações* que vi e também proporcionei acontecer (direta ou indiretamente). É deste ano que me proponho falar – pela primeira vez, como sempre. Revelar mais um dos meus *segredos*, assim como revelei o porquê da minha partida daquela cidade amaldiçoada cujo *desígnio sombrio* marcou a todos os moradores. Não foi difícil escapar ileso, ou quase, como muitos possam imaginar; ao longo de minha narrativa *todos* poderão atinar o quão estranho foi minha jornada. Negar que foi enriquecedora? Jamais. Dizer que uma marca indelével em minha alma não fora impressa? Mentirei. Pelo contrário. Marcou. E muito. Profundo. E foi bom; acredite. Pelo menos até certo ponto; sou agora o único a ter este *conhecimento* para espriar {o que nem sempre é salutar}. Embora eu tenha fugido, por qual motivo não lembro com exatidão; quem sabe ao longo de minha narrativa lembre; *medo*, talvez, de que tudo aquilo pudesse me *perseguir* – ou me *encontrar*, desprotegido. O que tenho para contar será apenas um epítome de tudo o que aconteceu. Rogo-lhe, meu estimado amigo, a preparar o espírito, pois de alguma forma obtive estes documentos por mãos rápidas; os encantamentos (magias antigas que envolvem o começo da humanidade como hoje a conhecemos, de origens duvidosas nas noites dos tempos, obtusas, esconsas) fruídos naquela época e naquelas terras são verdadeiros. E tenho como provar.

Mãos hábeis, diferentes portanto das que ora empunham meus manuscritos, aquelas que tiveram condições de tocar o *absurdo* e dele trazer o máximo de *realidade* verdadeira para a nossa tão ultrajada, motejada, ilusória. Já não é a primeira vez que isso acontece, afirmo. Em outras eras tudo isso se repetiu inadvertidamente; hoje não passa de relatos (ou ainda desenhos, em sua maioria rupestres) inacreditáveis, às vezes mal interpretados, quiçá irreconhecíveis. Os Deuses são diferentes. Mas tal diferença termina onde começa a crença em potestades diversas – são os mesmos personagens que se repetem. Cultos e religiões mudam, nomes também. Até mesmo os Deuses cultuados alteram-se no trono da divindade. E esta vacância de um e outro dá margens para oportunistas, os parasitas da verdade, donde um embuste bem articulado, um engodo. De tão bem-feito há, se assim eu puder nomear, uma *organização* que toma as decisões em nome dos principais governos do mundo; brasileiro inclusive. Turco. Grego. E há um esquecimento também – o famoso e por que não *abençoado* esquecimento de um passado remoto proporcionado pelo próprio *tempo*, herói e vilão concomitantemente. Deve haver um propósito para isso. Creio. Do contrário não teria havido *intervenção* de parte alguma, tenha sido ela qual for. Uma vez mais *desceram* de *sua* morada para interferir na queda vertiginosa que o próprio homem, com o exato hiato de algumas centenas de eras, proporcionara a si mesmo. *Suas* forças e *seus* poderes empregaram a um bem comum: o pequeno desvio no caminho tomado, um caminho que levaria direto às trevas, agora traçado a seus arrabaldes sem nela imergir; é o homem destinado a tocar seu caminho por escolha própria, mas uma escolha coerente. Episódio tal que me levou a refletir acerca da permissão ou necessidade de uma interferência parcial, quando há urgência; um encostar de leve de sublimes e verdadeiramente poderosos dedos de Deuses Antigos. E uma vez finito, *todos*, sem exceção, retornaram aos *seus* lugares de origem – como se nada tivesse ocorrido.

2005.

Bebericava um café amargo (não tanto quanto minha vida fora). Meus pensamentos criavam asas, voavam para tão distante que quase os perdia de vista. Sombras passavam ao meu redor sem que chamassem minha atenção – era eu invisível, ou invisíveis eram as sombras para mim? De qualquer forma, em terras estranhas eu estava, com pensamentos distantes, uma presa para o inevitável. Só não achava que para *alguém* eu iria ser a atração. O foco. Este *alguém* surgiu por trás, despercebido. De mim aproximou-se sem ruído nem fragor, dando a entender que do ar ou do cosmos simplesmente surgira.

- Meu nome é *Hélio* – falou sem cerimônia; não me assustou, porém. Trajava roupas casuais.

O estranho se apresentou falando em impecável português. *Tenho coisas para te contar*. Continuou como se eu fosse um amigo antigo. Eu aceitei o convite da conversa, meio a contragosto, perdido em terras estranhas. Ele se sentou diante de mim enquanto eu bebericava meu café; em meu rosto, enfado. Ninguém notou sua chegada; não havia motivos, era apenas mais um estrangeiro turista a infestar as ruas da cidade. Pensava. Permaneceu em silêncio até quando terminei o café. Pagou-me uma cerveja; pôs-se a falar, *desabafando*. *Tenho uma tarefa amarga, atroz*. Disse-me. *Fora-me permitido congregiar apenas um homem desta Terra de modo a somar forças a minha tarefa*. Olhei incrédulo meu *novo* amigo. Em seu rosto, serenidade, a despeito de sua preocupação. Reparei nele um nariz nem tão pontudo, queixo um pouco pontiagudo, boca fina, cabelos louros ondulados. Deu-se ali o primeiro contato com o preternatural.

- Espera. Seu nome. Hélio do quê? – perguntei-lhe, sendo rude de propósito.

- Qual seria o sobrenome ideal? – perguntou-se, pensativo; mão no queixo – Abdera? Estou acostumado a ser chamado de *Sol. Occhio del Mondo*¹.

- Então?

- Então você foi meu escolhido.

- Para quê?

- A humanidade tem feito escolhas ruins. Ultimamente.

- E o que eu tenho a ver com as escolhas desta humanidade extraviada?

- *Tudo*. De certa forma.

- Certo. Admitindo que eu tenha alguma influência nos caminhos do *homem*, nas escolhas também, o que é um erro pensar; que poderia fazer eu?

- Você acha que ter vindo para a *Grécia* foi por conta do acaso?

- Não sei. Diga você.

¹ *Olho do mundo*, em italiano.

- Esperto. Isso só prova que acertei na escolha. Não foi o acaso o que lhe trouxe aqui, meu chapa. Porque o acaso não existe. Tampouco coincidência.

- Já ouvi falar nisso – ponderei – Já ouvi.

Hélio *Occhio del Mondo* vez em quando alisava a manga curta de sua camisa branca estreita em seus braços, aberta nos três primeiros botões. Sua calça jeans azul o deixava com a aparência jovial e despojada. Percebi, com certo espanto, uma preocupação com o sapatênis que calçava seus pés, tanto o cadarço que amarrara quanto o cutucão que o sujara; gestos repetidos de levar o guardanapo ao calçado indicavam claramente que se preocupava em mantê-lo limpo, com sua aparência. Parecia gostar de vestir-se assim.

Do bolso de sua camisa havia apenas uma folha (deduzi erroneamente se tratar de um documento qualquer em papel reciclado; em verdade era um *papiro* que carregava consigo contendo suas instruções, percebi isso mais adiante). Perguntei-me em pensamento se carregava outras coisas além daquele papel, de repente os documentos nos bolsos da calça. Dei de ombros, porém; não me importava se carregava ou não documentos. Não me importava quem ele era nem o papo que falava. Eu apenas estava ali, passando as horas, bebendo. A companhia pouca diferença fazia.

Bebemos a nossa cerveja com calma; de minha parte, um pouco de desconforto. Olhávamos os passantes em derredor, às coisas à nossa roda. À vida que passava diante de nós, mansa. Se bem percebi não havia nenhum interesse em especial naqueles olhares; pelo menos não de minha parte – e pelo que vi nem da do homem que me acompanhava. Tudo ao *acaso*. *Inclusive a chegada deste homem*. Pensei. Um fio deste pensamento se ligara a outro. Uma lembrança antiga entrelaçara-se a mais recente, um novo segredo tomava corpo. Em algum ponto em minha vida eu havia errado. Eventualmente me perguntava onde. Aquele foi o caso; talvez eu tenha verbalizado minhas inquietações, talvez não. Questionava-me o que eu fazia ali; não na Grécia, mas *vivo*. Eu tinha destas recaídas, pelos meus fracassos – e sempre quando entrava nestas águas profundas, era difícil não voltar mais

acabrunhado. Da parte de Hélio, hoje deduzo sem erro, os pensamentos estavam voltados para *onde começar*. Somente voltei a olhar meu acompanhante indesejado por nenhum outro motivo senão porque me chamara.

- Está vendo todas essas *peessoas*?

- Se estou? Está brincando! Claro que sim.

- *Ninguém* sabe do porvir.

- Novidade. E quem sabe? *Deus*?

- Também. *Deuses*. *Eu* – disse olhando para mim.

- Eu já tive *aventuras* e *horrores* demais em minha vida – respondi-lhe – Só aceitei que conversasse comigo por considerar as pessoas como um *todo*. Por respeito. Achando que poderia tê-lo como guia, quem sabe. Mas teu assunto não é *são*. Não. Obrigado pela cerveja; tenho de ir. Tenha um bom dia – pus-me a levantar da cadeira.

- Volte – disse incisivo, segurando minha camiseta. Não segurara com força, todavia. Poderia muito bem desvencilhar-me dele e partir dali sem problema algum. Mas o leve toque de seu dedo e o simples roçar em minha roupa bastou para *sentir* um poder incompreensível, maior do que já havia experimentado. Causou-me uma paralisia; o máximo que fiz foi sentar novamente. Não era um poder catalisado num ser que recém descobre sua capacidade. Tampouco do sangue, da hereditariedade. A

ideia, descabida que fosse, me tomou pela força: Hélio era *alguém* cuja *Era* reclamava para si toda uma eternidade. Senti de súbito; estaquei. Pelas minhas veias a informação de que conhecera a noite dos tempos, participara diretamente da infância da humanidade ao lado de forças extraordinárias advindas de outros espaços-tempos-dimensões trafegou, ocupando o lugar de meu sangue. E mesmo que uma parte de meu cérebro não acreditasse, lutasse contra, renegasse, tudo me soara extraordinário para descartar como a um objeto sem valor. Imagens foram introduzidas em minha mente – Agora vê? – perguntou-me, calmo.

Com a *mente* de fato eu via. E as imagens me eram tão agressivas, tão repugnantes que praticamente tombei na cadeira por ter perdido forças. Meu *novo* amigo levantara-se e me amparara com suas mãos em meus braços, impedindo minha queda. Seus olhos me diziam que tais imagens eram insultos somente para uma mente demasiado humana; que o real significado delas era apenas uma *distorção* de parâmetros: o que para mim era um insulto, para os *Deuses* era *futuro*. Um futuro que já acontecera outras vezes, ainda assim um futuro. Uma nova repetição dele, digo.

- Sim. Agora vi – respondi já um pouco mais recuperado.

- Entende o que digo? Sobre o que vim fazer? Desculpe se pareço atrevido, mas a *humanidade* depende de *nós*. Você é o meu escolhido; como já te falei. E não adianta negar à *Existência* tal fato. *Ela* o reclamará.

- Por quê? Por que eu? Por que das visões? – perguntei; boca seca.

- É o *nosso* futuro.

3

Imagens vistas através do terceiro olho

(Tudo isso em fragmentos de segundos)

Caído, feito *anjo*, saí de minha órbita e orbitei *outros* mundos. Viajei por cores e matizes nunca antes vistos. Senti vibrações de todas as intensidades em contato com a minha. Em um, total desolação – assim me senti. Noutro: vida em abundância, esquecida por eras; eu era o intruso. Num terceiro, *vida* diferente daquela que conhecemos: ar puro para respirar e nenhum ser maior do que trinta centímetros, uma comunidade global em harmonia com sua terra. Deles pude ver construções tão ou mais altas que a Torre Eiffel, e sentir um *amor* tão profundo sem igual. Pareciam cobrir toda a crosta em todo o canto. Sem distinção de cor, raça, nacionalidade, identidade. Apenas uma agradável confusão (literalmente *fusão*) com a *natureza*. Num quarto, o verde abundante, ar rarefeito, nenhum animal era visto a perder de vista: a *vida* em abundância não se manifestava em carne e osso, mas em *essência*, percebida ocasionalmente aqui e ali em colorações pouco chamativas, fogos-fátuos. Noutro: areia. E *vida*. Coexistindo. Sem construções. Só aberrações. Aberrações que naquele lugar não eram aberrações, mas parte da *Existência*: prova de *vida* sem vida, de *morte* sem morte. Num próximo, donde o verde era cor predominante – não da vegetação, mas do solo; faziam daqueles pequeninos pontos amarronzados habitantes quase autômatos, praticamente sem volição alguma: indo e vindo de todas as direções, motivados por uma falta de vontade própria, ou ainda manipulados por uma *máquina* fria e com comandos predefinidos. Passei por tantos outros mundos que não me faz sentido narrar. Até chegar a um idêntico ao nosso. No futuro um pouco mais distante.

Nele vi aberrações (que aos meus olhos eram aberrações) digladiando-se umas contra as outras. Diferente daquele mundo onde as aberrações não eram aberrações, neste havia uma sede pelo Poder destrutiva. Sons de aerodelos em queda eu pude ouvir a todo instante, como numa guerra. E não muito diferente da guerra tradicional, seus integrantes, aliados e inimigos, faziam de tudo para *destruir*.

As imagens, difusas. Não menos confusas eram aquelas *criaturas*. Havia mais de uma *raça* lutando ali.

No céu, ao mesmo tempo enegrecido e ardentemente colorido, pequenos pontos de luzes estáticas davam origem a outros pontos de luzes viandantes: a maioria em direção a terra, outros poucos em direções perpendiculares atingindo, no ar, outros pontos fixos não de luz, mas de sombras. As luzes do céu estáticas lembravam pratos elípticos, tão grandes que certamente ocupavam uma vasta área plainando no ar; as viandantes, pequenos e ágeis pratos ovais a colidirem em seus opostos.

Na terra, veículos automotores, em grande parte não-humanos por conta de seus ângulos pouco convencionais. Deles saíam fumaças que atingiam os maiores discos elípticos, bem como as sombras imóveis, de forma idêntica: pequenas explosões eram ecoadas por toda vastidão daquela terra desolada.

Daquelas sombras no céu, tão agressivas quanto os demais, todo o ataque recebido refletia-se e transformava em traços ágeis e escuros as luzes viandantes. E as fumaças. Fazendo-as retroceder o caminho percorrido, no ar e na terra. Junto dos ágeis traços escuros, lanças pontiagudas quais meu cérebro foi incapaz entender. Foi-me perceptível não haver aliados, só inimigos. Um futuro, se bem pude perceber, fora de qualquer contexto histórico. Verossímil, todavia.

Todo o ataque. De qualquer direção. Senti emanar uma força demasiado hostil, que por algum motivo eu atraía para minha direção. Atraía para mim. A sensação de amargor, no peito, em crescente nível destrutivo, me afligia. Ataques mútuos que me atacavam, 'inda que eu não soubesse como. Imagens difusas. Como se meus olhos se me turvassem. Tais máquinas de guerra sabe-se lá por quem pilotadas. O cheiro desagradável de mofo. De gás. De fumaça. De queimado. Destruição total; pensava eu em meio ao confuso. Parcial, todavia, porque o fim se aproximava. E vinha distante. Bastou apenas alongar minha visada, panorâmica, que já era parcial – visada longínqua. De fora do conflito, em direção ao conflito. Astronaves, enormes astronaves ou quaisquer coisas advindas do além-espaço e do além-tempo. A seu talante. Senti pena – demasiado humano, eu. Dos meros combatentes, a despeito de não os saber. Havia apenas inimigos. A lutarem. Por um ideal – *talvez*. Meus olhos convergiram para o horizonte. Construções que não eram pequenas abrigavam olhos curiosos. Chefes de estado, militares, quiçá agentes especiais. Se *humanos* ou não, dúvida – eram

olhos. Avaliavam. Todo o estrago, eles avaliavam. Fogo e destruição em derredor. Aquela terra convulsionava. Mistura de *raças* indistinguíveis. De intentos nefastos, por absoluto capricho. E *eu* ali. Pairando em meio ao conflito. Numa velocidade espantosa, qual não sentia – flutuava tão-somente, a meus olhos. Previ – e antecipei. O que viria a acontecer em breve. Afinal partia eu do centro deles, abarcava toda a extensão da destruição. Reparei também que eu não era bem-vindo ali. Explicação, talvez, de eu atrair tais forças hostis. Vendo. Sentindo. Atraindo. Quase sendo visto. Vítima ou não, numa posição privilegiada do todo da alteração. Do fim. Porque daquelas astronaves do além-espaço e além-tempo vi – vi a *bola de fogo* azulada. Vagarosa. Crescendo. Intumescendo. Tornando-se cada vez mais poderosa. Força qual provinda da união de todas elas, no espaço exterior. Ninguém as percebia porque estavam ocupados demais naquele conflito mesquinho; apenas meus olhos viram. Já atinava o que viria acontecer. E antes que eu pudesse ouvir o som final da explosão, fui retirado desta esfera futura e colocado de volta à minha razão.

No presente.

4

Expervivências interligadas

- Entendo que para ti – voltou a falar Hélio – tudo isso tenha sido assustador. Estranho. Nefasto. Cacete, não duvido.

- *Occhio del Mondo* – falei, olhando para ele meio de soslaio meio de cabeça baixa, um pouco sem fôlego – Eu poderia ter ido embora. Loucura. Isso é loucura. Ou tu me deste veneno ou... Não, *né?* Não foi veneno. Foi a realidade. O maldito choque

da realidade – disse, atinando, vendo Hélio concordar meneando a cabeça um sim – Suponho que você se diz um *Deus*. Suponho que você seja um. Então devo supor também que você sabia que procuro fugir. De meus pesadelos. Do *desígnio sombrio*. Das marcas, indeléveis, impressas em minha alma. Do desgosto que é viver.

- Procurando a morte – redarguiu Hélio – Sim. Eu sei. Você já está enredado nisso. Assim como estive naquela época, outros sombrios acontecimentos, você está nesse. Olhe para o alto.

- E se eu disser não?

- Olhe para o alto.

- Não? Não.

- Olhe. Para. O *ALTO!* – gritou Hélio.

Uma cortina de neblina, um espesso nevoeiro descia dos céus enquanto eu convergia meu olhar em direção à abóbada celeste. Brancura total. Pessoas sendo engolidas pela névoa que baixava, sem perceberem-na chegando, descendo. Apenas eu e Hélio a víamos cobrir com seu manto embranquecido a totalidade que nos circundava. Vozes. Clamantes. Em meio à névoa escutamos. Uma névoa pegajosa. Eram tentáculos que tocavam nossa pele. Eu mal conseguia ver dois palmos distante de meu nariz, mãos coladas à mesa. A vaga impressão de flutuar por entre o abrançado criaturas cintilantes, conquanto invisíveis, perpassava minha mente dominada pelo preternatural. Medo. A vaga sensação de dor, ainda que dor não houvesse. O flutuar, por mais que eu continuasse sentado na cadeira, mãos sobre a

mesa, os copos nela também. Sons estranhos permeando o ambiente monocolor, entrelaçando-se às vozes indistintas. Pavor. De sentir o vento gélido roçar também a pele, balançar o cabelo, secar os lábios. E de vir, a meu encontro, a galope, qualquer coisa indefinida.

- Lute – disse a voz de Hélio, vinda de algures, meio perdida – Lute. Você acaba de entrar em sua mente. Por sua vez, sua mente acaba de entrar em uma maior. E esta em outra. E a outra na *minha*.

Tentei entender o que se passava comigo. Encontrar uma referência. Um ponto de equilíbrio. Um por quê. Permanecer calmo, todavia, me soava impossível. Exatamente porque eu entrara num mundo desconhecido. Ou um não-mundo. Quiçá o nada eu invadira – ou fora forçado invadir, névoa tenaz. Minha respiração. Acelerada. Interna, eu diria. Eu continuava com medo. Afinal, tudo aquilo me era *insinuado*. Nada era mostrado. Um horror penetrante. Indecifrável. Inusitado.

Angustiante.

Pungente.

- Não é a primeira vez que desço cá para este lado – voltou a falar a voz de Hélio sem que eu pudesse atinar a direção dela; mais forte porém do que os sons que iam e vinham por entre a névoa – Mas garanto a ti. É a mais importante. Porque a Humanidade chegou num ponto que mais um passo, poço. A queda é vertiginosa. E sem-fim.

“A Humanidade, assim por dizer, escolhe seu próprio caminho. Entretanto, quando a escolha direciona a lugares abissais, é então que Antigos Deuses outrora cultuados entram em consonância com os Humanos – explicou-se – E em todas as

vezes que precisamos interferir, um Escolhido é selecionado para a batalha. E nunca há vencedor. Porque é dolorido. Porque o sangue escorre. Sangue do Homem. Sangue dos Deuses. Sangue das Potestades.

“Em toda luta um Humano é escolhido. Humano de Eras. Dos Tempos – continuou – Em toda luta um Antigo Deus escolhe seu preferido. Dionísio escolheu Barbabeu. Paco, Josebias. Gaia, Aurora. Hélio, *Você*. Porque assim tem de ser. E assim será.

“Haverá dor. Haverá solidão. É a primeira vez que Hélio escolhe – falou Hélio, referindo-se pela primeira vez na terceira pessoa – E é a primeira luta que Hélio comanda. Dolorido será. Solitude amarga sentirá.

“Já fui jovem. Assim como a Terra também o foi. Naquela época houve o primeiro dos muitos embates pelos quais os Antigos Deuses defenderam. As causas. Partidos de Sobrevivência. Da Espécie. Fui belo, assim como a Terra fora também. Mas fui horrível, para olhos humanos, do mesmo modo como fora a Terra. Somos sutis e formosos. Podemos ser, em ocasiões extremas, terríveis e obscuros. Porque nunca há outra maneira. Quando é hora do embate. Mas garanto: este será o final. Nunca houve um reinício. A propósito. Nunca houve um início propriamente dito.

“Minha juventude foi algo que não se esquece. As batalhas que lutei. Os ideais. A sangria. Tudo para mim foi normal. Necessário. Nada fora do padrão, da forma, do conceito original e primevo. Havia urgência de manter o padrão sempre dentro dos limites, conquanto não se saiba quais são; a premente necessidade de interferir. No destino. Usando de palavras demasiado humanas, *destino*. Em verdade o inevitável choque entre forças. Que não se medem. Pela fraqueza de um e superioridade do outro.

“Descendo de uma linhagem de Antigos Deuses; no plural mesmo. Cada um tem a tarefa atroz de defender os Humanos, exatamente porque são fracos. Somos fortes o bastante. Para derrotar. Forças que se opõem a nossa. E lutam por um ideal diferente, de dominação. Enquanto apenas interferimos nos caminhos quando for preciso, impondo nossa decisão apenas quando necessário; este é um destes momentos. *Desci* dos céus, que fica sobre a cabeça do Homem, mas que coabita o mesmo ambiente, para pôr uma ordem no caos. Desta forma um sentido no insensato – sustentou Hélio, convicto – Sinto-me confortável. Por liderar esta nova-velha contenda. E por vestir estas roupas; da última vez que estivemos aqui, vesti ridículas

túnicas, mais parecendo um xamã do que um Deus – disse com voz bastante séria; pensei ter sido uma brincadeira, estranhei; percebi que falava com certa austeridade, meio amargo também.

“Nada disso assemelha-se a um sonho. Tampouco o é. Realidade, outrossim. Uma que os olhos não veem, e à visada não enxergam. Enquanto todos vivem, vidas baixas, vidas não-significativas, vidas sem-vida, somente o *Escolhido* consegue entrever os campos invisíveis da bruma, da banda paralela que forma a intersecção e sutilmente divide os Universos, o entretempo do momento. E o *Escolhido* és *Tu!* – trovejou Hélio como trovão de tempesta – Já começou. Queira você ou não. Já começou.”

Senti flutuar; perdido naquela névoa cada vez mais espessa já nem sabia se havia ou não flutuado desde o início. Era uma espécie de movimentar, porque eu sentia minhas pernas caminhando, conquanto ‘inda estivesse sentado na cadeira como antes, mãos sobre a mesa. Boca seca. Tentei chamá-lo. *Occhio del Mondo*. Agonizei, sem voz. Ela não saía. De minha garganta, pelo menos. *Occhio del Mondo*. Procurei gritar – voz mesmo só em minha cabeça. Dentro dela. Em minha mente o eco produzido pelos desvãos da estrutura cerebral que se desmembrava, espalhava, reorganizava. Era um novo *padrão*. Padrão. Assim como explicara Hélio. A reconstrução de minha estrutura física – e psíquica. Imerso naquela neblina. Continuava com medo. Mas era diferente. Medo do indizível. Do não-visível. Do impronunciável. Um medo, mais precisamente, daquilo que eu me formava, diante do não visto que eu via. Apreensão acerca do resultado daquela transformação, uma transmutação interna qual, sem espelhos que me refletissem imagens, me transportava a lugares insalubres para junto das vozes ora ciciantes ora gritantes, tornando-me uno naquela espessa camada nevoeira. Eu fazia parte daquele conjunto de corpos-sem-corpo, vozes-sem-boca, mentes-sem-cérebro. Além de flutuar, senti-me espalhado, apesar da direção que meus olhos miravam. Um ponto distante. Uma miragem, uma quimera. Outra verdade. Assim como antes, realidade. Uma espécie de galpão. Antes disso. Apenas uma parede dele. Sozinho (ao menos ninguém aparecia por entre a bruma). De Hélio, apenas sua voz. A me guiar.

Occhio del Mondo.

5

Cor do Ébano

Minha impressão, a despeito da brancura que ficara ao meu lado e atrás de mim, era a de ter penetrado no sonho dalgum prosador do insólito. Aproximei-me. Daquela parede eu me aproximei [ou ela se aproximou de mim] sem que eu atinasse sua origem. Um enorme paredão de pedra única, bem da verdade. Da cor do ébano. Reluzente. Cada vez maior diante de mim; de proporções inigualáveis. Um paredão de pedra com crânios, uns maiores outros menores, encaixados nos vãos como livros numa estante; de certa forma eram livros. Crânios que falavam muito de suas origens. Quem foram. Sua importância. O que ali faziam. Crânios levemente lúzidos, menos escuros do que o paredão – uma estrutura que vertia um líquido meio aquoso meio grudento; senti com os dedos, apesar de não a ter tocado realmente. Um tanto brilhante, conquanto igualmente enegrecido. Soturno. Sedento (por novos crânios, por novos líquidos vertentes, por espaço – porque parecia aumentar de tamanho, suas laterais cresciam suavemente e se multiplicavam e se copiavam; novos crânios surgiam). Estranho, sob a brancura da névoa que ficava para trás; ela ‘inda nos circundava como se em cílios dissesse: *Ei. Estamos aqui. Criaturas dentro da névoa. À espreita, apenas à espreita. Esperando. O momento em que vocês ficarão desatentos. Para atacar.* Angústia. O paredão em si, os crânios, a bruma em derredor e que nos engolia. Eu senti uma angústia, um aperto no peito; humano sou, afinal, sensível também {eu via e sentia e flutuava devido meus sentidos apurados, atarantados, conflituosos}. Porque daquele paredão – e não sei explicar direito como se iniciou tal fenômeno sonoro, a não ser o fato de ter crescido como numa sinfonia do mais baixo ruído – ouvi gritos. De dor. De horror. Daqueles que causam calafrios, frio na espinha. Gritos vindos direto daquele paredão de ébano reluzente com crânios. De dentro dele talvez; de dentro dos próprios crânios (como se eles fossem arrancados enquanto as vítimas, vivas, ainda tinham um pingote de lucidez para gritar). Incrustados, quiçá, como fuligem invisível a meus olhos no paredão, na neblina, em mim mesmo. E

ainda que seja adjetivado o que senti – *apreensão* – nunca uma palavra será suficiente para expressar quaisquer visadas naquela intersecção. Verdade seja dita: ninguém nunca estará preparado para aquilo. Os estragos já haviam acontecido; apenas não me estavam descortinados. Atinei, por outro lado, que não era o todo acontecendo – isso porque escutei a voz de Hélio, mais ao fundo, me chamando. *Escolhido. Entende agora?* Perguntou-me. Com o intuito de explicar. Minha situação conflitante dentro de mim. *Entende agora? Se você reparar direito escutará trovões. São os sons reverberantes. Do abismo que o Homem procurou, trilhando caminhos escusos. É apenas o início.* Sustentou. Uma verdade inquestionável. *Apenas o início. Porque o tempo passa diferente. Para eles. Os não-Humanos. Os que se refugiam em sua própria força e tecnologia primeva. Criou-se um ciclo de acontecimentos; grande parte, insensíveis. Passam por entre todos sem ser vistos. Há relâmpagos no precipício. Não podemos deixar isso acontecer. É nosso dever. Salvar. A Humanidade. Escute-me, Escolhido. Medo. Entende agora? O por quê? De nossa luta, o por quê?* Disse-me às perguntas Hélio. Sua voz, apenas um manto a me cobrir; nele eu me segurava com todas as forças. Segurava-me porque era meu único ponto de referência [aquele que tanto procurava até então] de meu próprio mundo. E apesar de segurar, com força, o manto que era sua voz, da sensação de flutuar em meio à neblina e de não me mover do lugar, senti minhas pernas resvalar. *É necessário conhecer a si próprio. Para lutar.* Escorregar. Aos poucos, deslizar para onde eu imaginava ser o abismo (eu, carregando o peso das escolhas equivocadas da Humanidade – contra minha vontade). *O que você sentiu foi apenas o princípio. O que você viu foi apenas um pequeno rasgo no tear da vida. Suficiente, todavia, para provar que a escolha foi correta. Suficiente para provar a si próprio que não há derrota que doa mais do que a vitória. Porque dela é o destino que se entrelaça. A ti.* Dos trovões escutei mais alto o reverberar do abismo. Dos relâmpagos em meio à névoa, de soslaio percebi. Um estranho tremor, do espaço exterior, senti. *Quando eu disser para abrir os olhos.* Do além-espaço e além-tempo, o som final da explosão. Esfera futura a repetir-se, eu soube. Não, porém, de minha participação, direta e incisiva. Exortou-me aos sussurros Hélio.

Abra os olhos.

Capítulo II

Mórbido Interregno

1

- Entendeu? – perguntou-me Hélio.

- Não – respondi-lhe. Tanto para dizer que não havia entendido. Quanto para dizer-lhe que não aceitava aquilo. Não tive forças, porém. De acentuar minha negação como queria.

Resposta incompleta boca afora. E mesmo que Hélio soubesse do significado daquela palavra, jamais saberia de como me sentia exatamente. Pelo choque. Pela mudança de todo cenário após ter seguido sua voz. Aberto os olhos. A visada não mais da neblina, tampouco do paredão de pedra de ébano. Antes disso. De um lugar diferente. De um futuro diferente, ao menos do imaginado. Imaginário fugaz, diria eu – exatamente porque não passamos muito tempo dentro daquele mundo. Eram as lembranças de Hélio, conquanto verdadeiramente genuínas, as que vivenciávamos. Ao mesmo tempo reais o bastante para tocar, para interagir (no sentido de participar daquele universo próprio de meu guia, exercendo dentro dele certa importância e relevância). Construções ciclópicas, o lugar de sua origem. As pessoas que passeavam, Deuses que se preparavam mentalmente para a nova batalha. Céu do mais belo azul; Sol de esplendor. Amáveis todos eles eram, apesar da fatalidade que a todos esperava – algo me dizia que ali estávamos protegidos, de alguma forma. Segui meu guia; não segurei sua mão, não obstante sua insistência em pegar na minha. Damos numa gruta cujo calor agradável nos recebia com entusiasmo, como se fosse o guardião a nos proteger, um Deus junto aos Deuses. Nela entramos. Pude ver um lugar repleto de cristais, deles luzes refulgiam a luminosidade exterior que penetrava naquela furna; da origem da luz eu nada soube. Diante de uma enorme mesa feita do mais puro cristal outros Deuses e seus Escolhidos discutiam animosamente os

meandros da nova guerra; todos eles sentados em bancos também feitos de cristais [um pouco menos refulgentes, tanto por serem ofuscado pelo brilho que a mesa e os demais cristais luziam quanto por servir de bancos, luz escondida debaixo dos corpos sentados]. Por um momento pensei que ficaríamos à distância, apenas observando. Por um instante cri que chegávamos apenas em pensamento, eu tão-somente um passageiro do pensar de Hélio. Estaquei. Estaquei porque um por um, aos poucos, eles nos olhavam – olhos benevolentes e tristes concomitantemente; Deuses e Escolhidos numa imaterial e calorosa acolhida. Não tive medo, todavia; pelo motivo mais que evidente: éramos bem-vindos naquele pago.

Hélio *Occhio del Mondo* olhou para mim. E sorriu. De seu sorriso o brilho da felicidade (no fundo tristeza também) quase me ofuscou [senti tal brilho atravessar meus poros como se eu fosse apenas uma imagem holografada, como se pelo brilho eu me desfizesse em partículas de pó e ninguém mais me visse naquele instante; de ter desaparecido tamanha minha pequenez]; teve meu Guia-Deus-Particular fechar um pouco o sorriso para eu não desaparecer de todo; Hélio estava radiante. Diferente dos demais {vestidos dentro de túnicas cor-de-creme}, permanecia vestido com a mesma roupa que eu o vira pela primeira vez: o sapatênis que tanto alisava com guardanapo, a camisa branca estreita nos braços aberta nos três primeiros botões, a calça jeans azul que o deixava com aparência jovial; sentia-se ele confortável diante dos seus, confortável todos eles se sentiam também, mesmo diante do despojado Hélio. *Occhio del Mondo* tocou em meu ombro como a dizer: *Siga em frente. Todos somos da mesma família agora.* Dei o primeiro passo em direção aos Deuses e seus Escolhidos; olhei para Hélio, vi-o tirar do bolso aquela folha em papel reciclado: de fato um *papiro* que continha instruções; não levantou muito a cabeça; havia seriedade em seu rosto quando o pusera de volta no bolso, casmurrice tal que cedera lugar a um novo sorriso quando voltou a me olhar.

- Este é o futuro; três dias nele – disse-me Hélio enquanto nos aproximávamos dos outros Deuses e Escolhidos – Não seu. Nem de seu tempo. Um futuro nosso. Dos Deuses. Dos Escolhidos. E que você nele participa. Sob teus olhos, tua visada. Minhas lembranças.

Por algum motivo atinei a presença de Barbabeu, Josebias, Aurora. Outros mais Escolhidos ao lado de seu Guia-Deus-Particular; Dionísio, Paco, Gaia. Outros mais Antigos Deuses. Minha presença era requisitada, ainda que por pouco tempo.

Hélio pegou minhas mãos; fez-me, junto a ele, saudar aos demais presentes.

Felicidade. Tristeza. Mais felicidade que tristeza eu senti. Deles. A tarefa, atroz, era inevitável. E eu vinha somar forças ('inda que forças eu não tivesse).

2

Conhecença

Minha saudação foi respondida com outra ainda maior. Todos os Deuses, todos os Escolhidos numa só Luz. Amior, Corifeu dos Pajés-Deuses, foi o primeiro a falar. No centro da mesa, único de pé (a flutuar no ar com a suspensão da matéria), recebeu-me como a um Irmão. Seus olhos, embranquecidos, mas de um branco vivo, miravam dentro de mim, não só a meu rosto. *És tu, Escolhido, a jóia que se encaixa no receptáculo de diamantes.* Seu sorriso, benevolência. Sua face, confiança. *Estaremos juntos, contigo. Escolha das mais sábias. Lutaremos em sua defesa; lutarás em nossa. Falo pelas vozes aqui presentes. Honra. Enorme honra. Lutar a seu lado. Tens tu meu coração.* Disse-me. Olhei para meu *Occhio del Mondo*; ele retribuiu o olhar. Eu tinha daquele povo *confiança* – uma confiança que não sabia se corresponderia ao mérito de tal transcendência ou estaria à altura da expectativa em mim depositada. Vi dos lábios de Hélio, sem voz, um pedido todo especial. *Calma.* Uma palavra sem som que invadiu minha mente, entorpeceu-me da mais pura

serenidade: dos Deuses era eu ali um componente do divino. Ao voltar o olhar aos Deuses reunidos, Amior vi diante de mim. Braços abertos. Luz eterna, acolhedora.

- Tua importância é nobre – falou-me – Nobre é tua presença. Eu sabia que Hélio faria a escolha mais sábia. Hélio é um Irmão iluminado. Hélio é minha paixão, minha luz – disse a Hélio sem tirar os olhos de mim; demonstrava profunda admiração pela minha presença, por quem eu era, por minha pessoa; estranhei – E se é Escolhido de Hélio, iluminado também és tu. Assim como minha paixão – fulgurou-se seu sorriso – Haverá de ser esta a luta mais difícil. A mais complexa. E a mais dolorida. Dor qual suportaremos. Por ti. Suportarás tu. Por nós.

Num piscar de olhos – menos de um, porque senti o leve roçar de seu espectro fluidal, tão-somente um vento produzido dentro das lembranças de Hélio e jogado fora em minha direção; Amior, velho Deus dos velhos Deuses, já se encontrava junto aos seus, sentando-se na poltrona de cristal de seu direito. Os demais [Deuses e Escolhidos] viravam-se vagarosamente em direção ao Corifeu, pois em minha impressão fui observado por aqueles olhos igualmente branco-brilhantes por todo tempo – conquanto eu não os visse, visão tapada pela fulguração de Amior provocada pelas lembranças-de-Hélio que penetrei; voltaram àquela conferência divina de antes.

Olhei para Hélio; ele me devolvera um olhar complacente. Um sorriso menos brilhante, conquanto brilhante permanecesse. *Não esqueça.* Parecia me dizer com os olhos. *Tudo isso realmente acontece.* Com a expressão facial. *É para ser levado adiante.* Pondo a destra em meu ombro; virando-me levemente; conduzindo-me para fora da gruta. Assim como entramos. Num caminhar-flutuar-ascender próprio dos Deuses, não de Homens; próprio dos sonhos dos Homens, não dos Deuses. A visada, o cenário – repetição. Da posição invertida a que seguíamos, apenas nós; dos demais, tudo igual. Como antes. Como se apenas o nosso ponto-de-vista fosse modificado (mas não estaria aí uma contradição?). *É a sabedoria. Dos velhos Deuses. Que foi nutrida por ti.* Falou-me a voz de Hélio em meus ouvidos, um Hélio ainda silencioso. *A jornada chega num ponto onde só você, meu Escolhido, poderá seguir. Estarei*

contigo. A cada dor. A cada pensamento. A cada tristeza. A cada derrota, porque haverá muitas. Hélio, a partir de agora, é você.

Tentei sorrir. Tentei rir. A sensação, meio difusa, no coração, de serenidade após ter ouvido suas palavras me fez *tentar*. Entorpecido por algo não-identificado, porém, vi-me amortecido, na mais completa inépcia de fazer qualquer movimento; senti, como antes, desdobrar. E apesar das sensações de toque (ombro, boca, mãos, ouvido), era apenas eu cérebro espalhado naquela imensidão de pensamento alheio. *Esta lágrima é para ti*. O cenário, no caminho deixando marcas meio sinuosas de borrões, traços sutis que lembravam vagamente o que era antes, transmutava-se. Hélio me exortava; voz segura, voz firme. Minha passagem; luta. *Lágrima minha, liberdade sua. O que não há volta, não há escolha. Faça com o coração. Sobreviva. Sobreviva.*

3

Relevância

sangue dor

Apercebi-me dentro de um lugar que *estranho* venha ser uma palavra qualquer para nomear. Toquei com minha mão que não era propriamente minha numa parede lisa, fria. Achei ter encostado em algo feito de metal. Cutuquei com os dedos flexionados que não eram meus. Tiniu ao meu toque um som metálico que viajou em ondas em derredor até se dissipar, distante de mim. Também como onda passou por minha cabeça a descabida (ou nem tanto) ideia de alguém ou alguma coisa escutar. E investigar a origem do som; portanto, vir a mim. Falam do medo. De senti-lo. Eu o sentia antes. Senti em dobro, coração em suspenso, por saber das condições que não

me eram favoráveis, também pelas paredes frias, as faces que eu não via. Minha noção do todo, prejudicada. Olhei abismado à minha roda; desejo de que tudo tivesse um fim. Rápido. Indolor. Outro daquele piscar de olhos. *Não. Não será assim.* Algo dizia, porém. Dentro de mim. Naquele antro (qual outro nome poderia eu dar?) eu era o intruso. As paredes num tom azulado-escuro, o teto imitando a mesma coloração – sem dúvida de metal também. Subjugado pelo medo potencializado, achei ter quedado diante da sórdida possibilidade de loucura do que meus olhos viam – só podia ter sido veneno que Hélio pôs para eu beber. Pensei ter caído de joelhos, como uma criança desamparada, chorando aos borbotões [este nunca seria eu, sobretudo pelos horrores passados carregados dentro de mim]. Mãos que não eram minhas amparando minha face, em face do perigo oculto. Cri ter escutado meu próprio grito de desespero e desconsolo; por um instante acreditei ter sido tomado por dores que não eram minhas. Ouvi na verdade um som qualquer tinindo das paredes de metal. Em resposta. Aos sons produzidos pelos dedos que não eram meus. Meu olhar convergiu direto à soleira da porta, como se de lá uma sombra se movesse – um instinto talvez, porque a luminosidade metálica não me auxiliava em nada neste aspecto. Podia enxergar perfeitamente em derredor, não porém os detalhes {como os desenhos nas paredes lisas e frias de metal, assim como os do teto}. Soergui-me; caminhei-flutuei em direção à porta, sentindo perfeitamente os membros inferiores – apesar de não os ter visto; escorei-me no batente dela, igualmente metálico. Meus olhos viram um corredor que se estendia à direita e à esquerda; segui o da direita; passos vagarosos num flutuar mais lento ainda. A sensação irrequieta de mais sombras a me acompanhar, atrás-frente-lados, não me abandonara. *Occhio del Mondo.* Tentei chamar. Não me ocorreu que minha própria voz poderia ser o alarma irrevogável que me poria definitivamente em perigo; que alertaria os habitantes daquele lugar; que diferente do som metálico, um estalo qualquer em meio a outros estalos quaisquer, um ruído anômalo poderia fazê-los desconfiar de minha presença – caso já não soubessem.

Occhio del Mondo.

Deparei-me, numa conversão à direita levemente arqueada, com um corredor retilíneo mais longo e entradas para outras saletas provavelmente iguais à minha. A ideia, mais palpável, de sombras em meu encaço reforçara-se de tal maneira em minha mente que não fiz outra coisa senão seguir o caminho visado.

Talvez pela minha falta de precaução; pela minha voz; pelos sons metálicos. Talvez por ter sido eu o intruso em lugar ádvena. De cada saliência aparecera em

minha visada seres *reptilianos*; um misto humano-répteis com olhos queimados, amarelados, doentios. Eles não pareciam amigáveis; o conceito amical não lhes era pertinente. E se antes achei ter caído de joelhos, foi então que de joelhos eu caí. O medo já não era em minha mente imaginado. Era visto. Assombrado. Tinha face. O horror tornou-se terror, nem por isso deixou de ser em minha cabeça horror. Eu estava sozinho.

Os vi chegando mais próximo de mim num misto de caminhar perfeito e um arrastar desequilibrado; carregavam bastões, de ferro ao que pude identificar; bastões que reluziam uma luz morta vinda sabe-se lá de onde. Em minha direção, eles vinham me pegar.

Meus olhos cederam à modorra. Não sei determinar quanto tempo fiquei desacordado; desmaiado, apenas minha respiração escutava, um gemido ou outro próprio de pesadelos. Nenhuma imagem passou pela minha cabeça. Nenhuma voz ou som ou ruído escutei. Nada. A ausência de barulho, além do da minha respiração, me foi muito assustador. Sequer um pensamento eu tive naquele entretempo (mesmo daqueles que se imagina vagamente um lugar para acalmar um pouco o coração) – se estava numa caverna, numa sala ou na poltrona do avião voltando ao Brasil sonhando. E no mais completo *nada*, a respeito da ausência de sentidos, lentamente abri meus olhos. Misto de não-luz e luz, cor e não-cor, irritante sensação na retina que provocava o conseqüente abrir e fechar das pálpebras; minha própria respiração, entrecortada; procurei um sentido em minha visada nublada. Vi vultos parecidos com pessoas; a origem da luz e não-luz; visei vagamente onde eu estava. Consegui entrever o que se passava ali dentro em meio ao nublado de minhas vistas. Estava numa sala, ponto-de-vista da altura da cabeça deles; aos poucos eu recuperava as forças, o tino. Quando consegui abrir meus olhos totalmente, apercebi-me numa saleta idêntica a que antes fui dar – meus olhos se depararam com uma chusma de criaturas reptilianas, todas elas de costas, olhando para uma tela que transmitia imagens em dimensões confusas. Havia dois ou três humanos entre eles, vestidos em ternos negros, dos quais reparei (gradativamente; letra por letra o significado) uma inscrição sobre o ombro, cujo nome era composto por três letras. O. Tentei atinar o que ali faziam, qual era aquela conferência estelar. Da tela achei ter visto uma imagem em lenta aproximação – combatentes, veículos automotores, máquinas de guerra. Fumaças em direção à tela; lanças pontiagudas como se dela saíssem. Tais imagens não me eram

estranhas; não pude identificar a procedência, todavia, tanto por não entender o que se passava quanto por não ver inteiramente devido ao fato de as criaturas estarem entre mim e as cenas-em-movimento. Desviei o foco, convergi o olhar para onde eu estava – o que pude visar, com dificuldade, não me agradou. Grudado. Eu estava literalmente grudado à parede de metal lisa e fria. Minha respiração acelerou mais; nervoso, olhei em derredor. Meio de soslaio os vi novamente. *N.* Ganchos prendiam meus membros. Meus olhos (arregalados). Minhas mãos (esticadas). Minhas pernas (esticadas). Minha cabeça – que então parecia explodir. Havia superfícies espelhadas aqui ou acolá. Olhei novamente para diante, em direção delas o máximo que pude. Nelas pude ver meu reflexo, a despeito das imagens quebradas e desencontradas que elas refletiam. Na parede onde eu estava enganchado havia tão-somente meu cérebro [a massa encefálica decorando a parede, como uma enorme serpente morta]. Talvez tenha sido esta a visada das criaturas diante de mim. Sob minha perspectiva, porém, eram minhas mãos, pernas, cabeça – meu corpo, enfim, preso naqueles ganchos acoplados na parede fria e lisa de metal. Olhei para eles outra vez. Ninguém se movia, parecia-me; inclusive os de terno, imóveis feito os reptilianos. *U.*

Senti dores. Insuportáveis. De chofre, uma onda fria e insuportável de dor percorreu todo meu corpo; dores diversas. Como se estivessem fora de mim até o momento em que eu atinasse completamente aonde estava, para só então voltar a meu corpo com a intensidade de um choque elétrico. Ou como se estivessem algures dentro de mim, esperando o instante definitivo para aplicar sua injeção de tormento visceral. Mesmo que eu continue a adjetivar o que senti, nenhuma frase ou expressão ou palavra é capaz de exprimir: *dor*. Lancinante. Degradante. Afligente. Ameacei gritar; grito não saía. Ameacei me mover; movimento não havia. Tentei arrancar de mim os ganchos, fiz apenas aumentar a dor. Percebi-me só então empalado num daqueles bastões de metal reluzente, outro deles cravado em meu peito. Só então percebi muito sangue – de mim escorria, descia pela parede formando uma poça no chão. O odor fétido da carnificina (sob minha visada, claro; da deles, tudo haveria de ser normal, trivial, costumeiro) penetrando minhas narinas. Em minha cabeça eu gritei. Como pude, o mais algo que me permiti. Um grito desumano, cujo eco fez tremer minha visada; da garganta, porém, nenhum fio de voz, nenhum som, nenhum *ai*. De minha boca, silêncio. Talvez da morte. Talvez da perda. Ali estava, então, o que eu havia procurado.

Deduzi erroneamente.

4

Volver

Acho que pisquei; se não pisquei, foi um instante em que enegreceu-se minha visão. Porque no momento seguinte eu estava no corredor. Não posso afirmar ter sido apenas ilusão – as dores, as visadas, os reptilianos reunidos diante da tela. Ficou marcado, de qualquer forma, em minha retina. Talvez bastasse um piscar de olhos para vê-los novamente, mas ali eu não queria piscar. Tanto pela intensidade da ocasião quanto pelo pavor. Porque eu voltara ao corredor e as criaturas reptilianas, assomadas às portas, vinham à minha direção. Desdobramento temporal – seja lá o que o retorno denotava – cujo significado me foi nebuloso. Eu vi! Vi. As criaturas reunidas naquela saleta. E na sequência eu voltara. Sim. Voltara. Pavor. Tudo indicava que fui vítima dum desmaio. Que sucumbi ao horror que representavam aqueles seres meio homens meio répteis que andavam e se rastejavam ao mesmo tempo, carregavam bastões reluzentes. E apesar do desmaio – quem sabe devido a ele, as visadas; encarei de frente o perigo.

Mesma posição de antes. Caído de joelhos. Prostrado diante do inevitável ataque reptiliano; eu era, afinal, o intruso, nada mais natural que viessem me atacar e me pegar. Medo visto, assombrado, composto por face hedionda, olhos queimados e doentios. E sozinho tinha de aguentar, não havia outra maneira. *Sobreviva*. Questionei-me em meio à turbulência se minha sobrevivência seria comemorada por Amior e os demais; se significasse alguma coisa além de sacrifício. Gritei por Hélio. Senti vergonha por ter sido deixado à própria sorte, já sem nenhuma diante daquele ataque; vergonha de mim mesmo. De minha incapacidade de soletrar uma palavra sequer diante de meu suposto fim. Vi a aproximação daquelas criaturas abissais, estelares. Sob minha perspectiva elas vinham com extremo vagar – não era isso que ocorria, porém, senão tão-somente meus sentidos inebriados diante do nefário. E de

acordo com a aproximação, deles o agressivo toque em minha pele como um anátema que carregaria até o fim de meus dias; dedos meio gelatinosos e frios em contato com meu corpo quente. Senti inclusive o bafo daquelas faces-sem-bocas (porque não eram bocas humanas, senão uma saliência membranosa no rosto que ora abria ora fechava maquinalmente). Em meu rosto o roçar de línguas delgadas a transitar livremente pela abertura facial ora chamada de *boca*. Senti-me carregado. Ademais, sobrecarregado – afinal, desprendiam uma força tal capaz de me fazer subjugado perante o inevitável: em minhas costas passei a carregar um peso sem-tamanho, fraquejado. Puxado pela força psíquica em questão deles provinda, flutuei acima de suas cabeças de répteis. Pontas dos bastões-em-lança a centímetros de meu corpo. Sem voz. O grito mudo. Temor de não mais poder escapar, sair ileso. Hélio não estava lá para me auxiliar.

Carregavam-me dali a cançonetear um estribilho-de-guerra; vozes insuportáveis, sibilantes, vindas do fundo de grutas pestilentas. Meu corpo segurado por cada uma delas [um me segurava pela cabeça, outros mais pelos braços, tantos pelo tronco, quantos pelas pernas]. Um misto de sensações, todas conflitantes. Senti-me igualmente rastejar como serpente. Acima de suas cabeças. Um movimento anômalo, guiado por mãos membranosas e bastões-em-lanças reluzentes bastante próximas de mim, quase em meu corpo cravadas; roçar de línguas delgadas. Assim eu era carregado num flutuar e rastejar e arrastar até chegar àquela sala do telão; sei da aflição em meu coração, não do tempo que demorou aquele trajeto.

Capítulo III

Demência alucinógena

fim planejado

1

De chofre fui levantado, posto de pé. Os espelhos de antes; as criaturas reptilianas; os de terno preto – todos lá estavam. Não fora simples invenção de minha cabeça. Eu viajara de alguma forma até aquele lugar num piscar d'olhos, senti inclusive, mesmo sem ter saído daquela posição – isso para conhecer, não ser pego de surpresa, não cair nos fornicosques reptilóides. Meus próprios olhos, acostumados à visada e à luminosidade exatamente por ter visto e por ter sentido. Reptilianos e meio-reptilianos (alguns daqueles dentro de ternos pretos), quiçá um ou outro humano – eles me olhavam. Desde quando apareci na porta, miraram a mim olhos capciosos, ora malignamente indiferentes ora soberbos. Ali eu era, além de intruso, um visitante indesejado, uma insignificância diante do que faziam. Recordei da tela, do que se passava nela quando no desdobramento temporal – as mesmas imagens, o mesmo ocorrido como se antes já tivesse acontecido. Atinei que já tinha visto aquilo em algum momento que ficou para trás, sob outras perspectivas. *Sobreviva*. Escutei a voz de Hélio; um eco distante, perdido na escuridão de meus pensamentos. Meu olhar convergiu a um daqueles de terno preto (vi outra vez a estranha insígnia sobre o ombro; de imediato percebi o significado e o assombroso objetivo daquela *organização*) – era um dos humanos presentes naquela sala-da-tela. Ele fez um gesto manso, imperceptível [vi porque nele eu prestava atenção; acaso tivesse olhando para os espelhos ou para a tela ou para os demais, jamais o teria percebido gesticular]; os que me carregavam num cançonetear em estribilho-de-guerra, vozes insuportáveis, sibilantes, vindas do fundo de grutas pestilentas, puseram-se para fora – eu quase não os vi em retirada, bem da verdade {criaturas subalternas, deduzi}. O tal gesticulador em terno preto de mim se aproximou; intentos dúbios. Olhou-me como a perscrutar

minha alma, desejoso de encontrar dentro de meu cerne quem eu era. Meus olhos, nele fixos, tentavam concomitantemente encontrar alguma saída; atarantado reparei, porém, qualquer possibilidade de fuga escoar pelos meus dedos, imóveis. Da manga de seu terno desceu uma lâmina verde, afiada; de seus olhos, injetados e praticamente da mesma cor da lâmina, hostilidade. Pegou meu braço direito – esticou minha destra, apertou, retesou meus dedos endurecendo-os. Senti o vento que saía de sua boca; a língua fina, bífida, a sibilar de quando em vez. E imitando as vozes daqueles que me carregaram, não numa cançoneta, deu-me o termo que injetaria em meus ânimos recrudescentes um quê acentuado de hediondez, outro de pavor.

Vejo apenas cérebro espalhado pela parede. Sei que há alguém dentro dele, da mesma forma sei que se escuta em seu interior. Provocamos o fim sem nem mesmo levantar nossos escudos; pomos a Humanidade a lutar. Contra si. E ganhamos. E viemos; voltamos. Para terminar. A chave-de-ouro, o objeto planejado há muito. Conquistado. Prestes a ser destruído. Arruinado. Porque nosso povo conquista. Reina. Destrói. E continua. Contemple o fim. O seu vem na sequência.

Dor. Primeiro a pontada em meu peito, forte, quase insuportável (eu já imaginava o que vinha em seguida). Depois, a lâmina verde sendo cravada em minha pele. Rasgando a carne. Triturando ossos. Arrancando de mim o dedo mínimo. Insuportável dor. Gritei. De minha garganta um urro saiu, enroscado a ele minha própria voz em desespero. Sangue. Um pouco de frio; um pouco febril. Pirético, olhei para o humano que me flagelara o dedo; visada um quanto enublada, percebi-o metamorfosear-se (ou era apenas meu pavor brincando de transformar a face de meu algoz, não identifiquei). De uma coisa eu estava certo: muito ele se havia manchado de meu sangue. Não deu atenção, porém; era de seu instinto banhar-se no sangue de suas vítimas, o vermelho encarnado apenas uma cor como outra qualquer; seu habitual jeito de conduzir as coisas. Do pouco que sobrou de meu dedo arrancado, o flúmen do rio que corria no corpo que não era exatamente meu. Formando uma poça debaixo de meus pés. Intensificando a pirexia que explodia dentro de mim. Tornando-me refém de uma vontade louca não mais de gritar, mas de beber. Beber do sangue que saía de meu dedo dilacerado. De pô-lo na boca, sugar a última gota. E a cada gole, um misto de dor e doentio prazer. A dor que não abandona.

Caí no chão outra vez. Subjugado pela minha insânia. Meu desejo tresloucado de ver-me esvaído do sangue de minhas veias. Boca suja, corpo manchado; pela narina um cheiro nauseabundo, repulsivo. Estômago revoltado, refluxo, vômito (eu

continuava a beber, direto do chão a partir de então). Uma figura apareceu em meus pensamentos, dividindo lugar em meu cérebro espalhado com o torpe desvario; uma figura em formato de palavra-única. Era de Hélio; ele próprio. *Sobreviva*. Palavra-corpo.

Pensei ter caído, devaneei. Em delírio tão-somente pensei.

2

Revolver

Talvez a febre, talvez a imaginação. Levantei meus olhos – eles se haviam direcionado ao chão quando criei em minha mente alucinada a poça de sangue e dele bebia. Não havia mais dor. Não havia mais sofrimento. Ou pela dor e pelo sofrimento já me tornara amortecido, tanto faz. Fato era a ausência de meu dedo mínimo na destra, porque disso eu não escapara – a dilaceração, o sinal de que parte de meu delírio fora verdadeiro. O de terno preto, meu algoz – vi-o de mim se distanciar, saíra-me da frente dando-me as costas; fora de volta aos seus, confabuladores. Para diante da tela que transmitia o exterior da astronave (a contenda que não me era estranha). Olhei de volta para meu dedo [em outra conjuntura teria eu por certo ficado abismado pela falta dele]; deduzi – não achei outra explicação – ter a lâmina me atorado, um veneno que estancasse o sangue e me entorpecesse o corpo e os sentidos, razão ao delírio. Senti, porém, que a explicação definitiva eu nunca viria encontrar. Estava além de minha capacidade, de toda forma, entender o que se passava; compreender o porquê do ataque, da sede pela destruição daquela antiga raça tampouco.

Refleti – não sei com que forças, elas não eram minhas – que Hélio, meu *Occhio del Mondo*, precisava de mim. De meu sacrifício. De minha dor. Parecia, ao

menos. Porque tudo naquilo, não obstante a irrealidade que se me apresentava nua {na mesma medida cruel}, havia um quê de verossimilhança. No fundo eu sentia: realmente acontecia; não, porém, comigo ou em meu tempo. Questiono-me hoje se minha passagem naquela terra de sonhos e pesadelos e quimeras alienígenas minha pessoa era importante ou minha experiência com o macabro, o que eu carregava há muito dentro de mim. Afinal, a despeito das dores imaginadas, do sofrimento partilhado, da tristeza sentida, era todo meu passado que me impulsionava naquelas glebas reptilianas. Não meu presente. Nem meu futuro. Muito menos *eu* propriamente dito. Senão outra pessoa – ou grupo – dentro de meu não-corpo. Quem sabe tenha sido melhor assim. Uma não-vivência do vivido, um não-ocorrido como experiência adquirida. Quem sabe desta forma minha sanidade esteja protegida. Assim sendo, eu não venha ser procurado pelas criaturas estelares por ter estragado seus tendenciosos planos. Ninguém haverá de saber; muito menos eu.

Da tela vi uma imagem em aproximação. Foco direcionado ao solo, do espaço. Por um instante achei ter visto a mim naquela imagem, logo mais à esquerda, canto superior; visada rápida. Eu estava flutuando, de qualquer forma, dentro daquela saleta. Entorpecido, não havia dúvidas. Mas um torpor que não se explica [do veneno, da lâmina verde, do ser-não-ser de meu corpo ausente, da falta de sentidos e dos sentidos emprestados, alheios]. Pouco tempo, é verdade – fui deixado de lado porque as imagens falavam coisas que eram de interesse tão-somente das criaturas estelares. A guerra. A destruição. A ruína. A queda de raças menores subjugadas por ludíbrios da maior. Ali apenas o ato final. Fronteira transgredida. De minha parte, uma soma insignificante em todo contexto horrífico. Da deles, vitória. O consumo. O destino de uma raça cuja fortuna era dominar sem o uso da força bruta, tornando títeres as raças que assim procediam. O domínio pela mente, pelos meandros do poder psíquico. O inteligente versus o fraco. Eu não sabia o que fazer – não diante do que meus olhos viam. Eles confabulavam coisas que não pude entender; tornavam-me impotente, diante de mim. Mais uma vez conquistar e partir [me estava claro apesar da prostração a que estava sendo vítima]. Fato incontestado referente àquele povo das estrelas. Por um momento pensei ter sido um destino inevitável, não obstante cruel. Fatalidade inerente a pessoas como eu; aos desafortunados cuja carga e cuja experiência trazia amargor, espanto, horror. O macabrismo de antanho {das ocorrências passadas, dos *sombrios desígnios* dum tempo marcante e dorido}. Não. Embora fosse verdadeiro tal pensamento, premissa esta indiscutível, não haveria de ser daquela forma. Cresceu de meu âmago lentamente uma vontade de evitar o

inexplicável; como vulcão cuspiu-se a lava do agir, só não sabia fazer exatamente o quê. Olhei novamente minha mão; o dedo dilacerado, o vazio nela. Parecia brilhar um misto de luz prateada, sépia, um tom castanho, um verde-escuro – só podia estar dopado, envenenado, infectado. Ao fundo, o som de minha respiração, lenta. E pesada. Convergi meu olhar de volta à tela. Entendi: força bruta apenas quando todos os recursos psíquicos já utilizados. Não era o caso. Quanto mais enfraquecidos os dominados, muito melhor para os dominantes. Senti minha cabeça voltar a doer; uma dor emprestada. No peito, uma agitação. Um tremor anômalo. Na tela, um tom de cor diferenciado. A *bola de fogo* azulada. Vagarosa. Intumescendo. Mais poderosa. Apertariam no console o botão. Apertariam.

3

Papiro

Foi então que de chofre entendi o que haveria de fazer.

Antes, porém, de dar vazão à lava do vulcão-agir, precisava entender o que eu era lá dentro. Minha importância [mínima que fosse] no contexto. Pois quem eu era – *quem*, eu não passara de cérebro espalhado para os reptilóides. Apercebi-me então dentro do corpo-invisível de alguém cuja *Era* reclamava para si toda uma eternidade; dentro dele, além de mim, uma legião de seus *irmãos divinos*, outra de iguais a mim; embora a dor-sofrimento tenha sido apenas minha, era tão-somente uma parcela – ínfima – do corpo que eu via. Lembrei-me de Amior – o tempo, acaso passasse algum lá dentro, desacelerou. *És tu, Escolhido, a jóia que se encaixa no receptáculo de diamantes*. Escutei, em ondas, sua voz. *Estaremos juntos, contigo*. Vi o sorriso-benevolência, face-confiança; apagado, porém. *Lutaremos em sua defesa; lutarás em nossa. Honra. Lutar a seu lado. Tens tu meu coração*. Porque apesar de ter estado

sozinho, de ter sido derrotado pelas forças advindas das estrelas, pela crueza de intentos ruinosos daquela raça, meu corpo-cérebro (cérebro espalhado, como quis a criatura que me ameaçara) carregava dentro de si invisível força que não tive capacidade de mensurar, a respeito do poder concentrado a romper. Era verdadeiro – um lado meu, todavia, pequeno e acorçado, escondido nas entranhas intestinais, quis duvidar {*vou acordar no avião, é só um pesadelo surreal; vou acordar no avião, já cheguei de viagem; vou acordar no avião, a voz da aeromoça me despertará com sua melodia de boas-vindas a solo brasileiro*}. Olhei novamente para a mão cujo dedo fora dilacerado. Tive a plena convicção de que poderia. Simplesmente poderia. Pensar. Ludibriar a dor-amortecimento. Dar volta naqueles seres que só faziam seguir um hábito pertinente a uma raça dominadora; naturalidade sempre esboçada. Deixar os demais, dentro de mim, guiarem o corpo que eu assumira. Minha importância – eu era, afinal, um veículo. De minha solidude acompanhada; meu séquito solitário. O vulcão a explodir; força indômita. Sensação prazente igual ao gozo. O vulcão-agir do não-eu. *Eu. Unidos.*

Estava decidido.

Levantei a mesma mão cujo dedo fora cortado; ela brilhava mais intenso. Pu-la diante de meus olhos; eu não sabia exatamente efeito do quê; sequer reparei que minha retina doía com a proximidade da mão cintilante. Uma força anômala a guiara (*a partir de agora nós assumimos*) até o bolso da camisa branca que eu vestia. Acompanhei o movimento com olhos emprestados. Reparei a manga curta estreita no braço; baixei a cabeça; vi a camisa aberta nos três primeiros botões. A mão que eu já não mais movimentava introduziu-se no bolso provocando em minha mente uma lembrança. Primeiro de ter visto Hélio preocupado com a roupa que vestia, quando chegara à mesa em que eu estava sentado bebendo café amargo; de meu enfado; da folha que havia dentro do bolso da camisa que ele vestia; de eu me questionar em pensamento se ele carregava outras coisas além dela; de ter dado de ombros porque não me importava com aquela insignificância. Segundo, de quando estávamos diante dos Deuses e dos Escolhidos; de meu Guia-Deus-Particular com sorriso radiante; de eu ter dado um passo para mais próximo dos Deuses e Escolhidos; de Hélio ter tirado do bolso a folha; de ele não ter levantado muito a cabeça; da seriedade de seu rosto quando o pusera de volta; da casmurrice ter desaparecido quando voltou a me olhar, a sorrir. Em minha mente (esta talvez fosse minha mesmo) tudo clareou-se; minha tarefa em conjunto. Hélio desde o início me mostrara a ferramenta que poria fim naquela

investida malévola por parte de meus cativantes. Hélio não cessara de me mostrar o objeto cujo encantamento faria mudar toda uma perspectiva de futuro. A julgar pela seriedade de seu rosto quando pegara pela segunda vez o *papiro* do bolso, havia preocupação em suas entranhas. Ele sabia que o mais prejudicado viria ser eu (ainda que soasse estranho, impossível de acontecer, sentia-se mal por isso, deduzo). Mas, por eu ser um dos Escolhidos [seu Escolhido em particular], nada se podia fazer – nada, senão fazer o que haveria de ser feito. Chame de destino, de fatalidade, de acaso. Hélio estava certo: eu não fora à Grécia à-toa; de minha parte, fiz apenas desprezar. A turba de Deuses e Escolhidos dentro de mim guiou o corpo que ora eu preenchia, guiaram-me junto porque eu também fazia parte do divino; custei a perceber que além da mão, meu peito também brilhava luz prateada, sépia, tom castanho, verde-escuro. Sorri. Sorri porque nunca fora levado junto de meu próprio corpo, senão um emprestado – sendo apenas *eu* lá dentro; as dores eram minhas, não havia dúvida. O som da respiração do corpo que eu habitava ficara mais pesado e mais lento; não era cansaço, porém. Era a lentidão do tempo. Em minha mente.

Hélio, a partir de agora, é você.

4

Papiro II

Do bolso da camisa, imitando a lentidão de meu cérebro confuso, a mão que eu não controlava (mas sentia movimentar) tirou o *papiro*, pondo-o diante de meus olhos. Meu Guia-Deus-Particular pôs-se a falar – sua voz no fundo de minha imaginação como uma lembrança remota. Deixei de me preocupar com os demais naquela saleta; deixei de lado a imagem que aparecia na tela (a *bola de fogo* azulada, vagarosa, intumescendo); de as criaturas apertarem no console o botão. *Deixa estar,*

Escolhido. Disse-me a voz, viva, de Amior. *Sinta meu coração, que é teu, pulsar.* Assim foi, em meus ouvidos, o coração dentro do corpo que eu assumira. Pulsando forte. Vigoroso. Avisando do momento vindouro – onde nada era previsível, tudo era prodigioso. Aquele instante precedera o que nunca mais vi: estranha metamorfose. O inverso do tear. A desconstrução do espaço. A inexistência do tempo antes lento. Vi, olhos emprestados, o que só a droga poderia proporcionar.

Escolhido. Disse a voz de Hélio num crescendo, deixando de ser uma provinda de recordação remota. *Escolhido meu. Quão importante é sua tarefa diante dos nossos.* Repetia-se numa espiral de entonação própria das vozes de Deuses Antigos. *És tu o mais importante. Porque esta é a guerra definitiva. Tua dor partilho com enorme prazer. E pesar. Virás um dia sentar-se a meu lado; ao lado de Irmãos nossos, divinos. Quão importante é sua tarefa. Porque dela se obterá a paz sonhada pela Humanidade.* Disse-me em voz complacente. *A partir de agora, meu Escolhido-Irmão, deixe conosco. Apenas veja. E guarde. Consigo. As lembranças de um momento que nunca existiu. E que com sua ajuda nunca existirá.*

Unidas as vozes de Hélio e de Amior, outras mais ouvi saindo de minha própria boca (da boca do corpo que eu pegara emprestado); vozes dos Deuses Antigos, vozes dos Escolhidos. Nas mãos do Divino nada pude fazer senão soltar-me – do que se sucedeu pouca ou nenhuma interferência minha houve. Minha tarefa – também as dores – já havia sido cumprida. *Eu introduzi os Deuses naquela astronave.*

Amior-Hélio-Deuses-Escolhidos, numa só voz (em várias entonações) – o *papiro* em minhas mãos foi recitado. Apenas ouvi; nada entendi. Senti uma mescla de Amor-Ódio-Compaixão-Desespero-Esperança; fui tocado pela atitude altruísta de meus Deuses, não obstante a atribulação [pelos Deuses permitida] pela qual eu passara. Se eu era apenas cérebro espalhado naquela sala, o mesmo eu não poderia dizer do corpo que ocupava.

Do corpo que eu assumira uma luz explodira – sob minha perspectiva uma luminosidade crescente daqueles mesmos tons (prateado, sépia, tom castanho, verde-escuro). Pensei ter invadido um futuro aonde tivesse videogames-por-projeção, achei ter posto capacetes-holográficos por que pudesse interagir; durou uma fração de segundo apenas; não houve interação alguma. Como quis Hélio, tão-somente vi. O desenrolar daquela trama divina – *eu vi!* Já não havia o tempo que me pusera naquela situação. Ele fora o primeiro a se extinguir. A dar lugar a uma nova realidade a qual

somente eu viria conhecer. Indiretamente participar, como espectador da mudança. E do salvatério. Nada mais. E se fora desta bolha que eu estava imerso o tempo corresse normalmente, ninguém mais além de mim percebera tal mudança – o tempo corria, sim, normal, porque nele eu ficara suspenso. Pelo toque de Hélio. Pela força que senti passar dentro de minhas veias no lugar do sangue. Pelo intento Divino (para mim uma grande loucura fascinante). O deslumbramento da irrealidade gotejante, pingos de realidade não-existente em minha existência. Do futuro que não existe {senão uma ínfima probabilidade matemática} e das mãos excelsas. Deixei. Permiti que as vozes passassem por mim [fosse o caso me enrolassem na trama também], me preenchessem com a prazente sensação do *êxito*. Não lutei contra. Cri na possibilidade, remota ou não, de ouvir minha própria voz recitando as passagens contidas no *papiro* cuja mão empunhava; não a ouvi, porém. Desenhou-se em minha cabeça a insensata ideia de abrir meus próprios olhos e vislumbrar através deles a visada que não sou capaz de esquecer. Apagou-se na sequência, no entanto, tal desvario; o sonho dentro do sonho como quis o poeta²; porque minha voz e meus olhos se faziam ausentes. Eram as dos Deuses Antigos e dos Escolhidos que eu escutava. Vinham mais fortes. Intensas. De certa forma cruéis – uma cruzeza necessária e na medida certa, todavia. Consoantes à luz que explodia e irradiava e iluminava e se expandia. Uma expansão vagarosa. Enérgica. Violenta.

E com tal intensidade iluminou todo o interior da *astronave*.

5

Desconstrução

² Referência ao poema de Edgar Allan Poe *Sonho dentro de um sonho*.

Deduzi que aquelas criaturas não atinaram o que lhes acontecia.

Decerto não era algo que eles viam; sutil, aliás, de tal forma sucedeu-se a desconstrução; não, porém, sob minha perspectiva, minha visada. Se para os reptilianos que me faziam cativo aquilo não acontecia, para mim {e para a urbe dentro do corpo que também ocupava} era algo manifesto. Patente. Inegável. Sem sombra de dúvida inquestionável ocorrência para a qual não havia mais antídoto – se se pudesse existir um, óbvio. Sem vontade própria, dali para diante tornei-me passageiro do inevitável. Também voltei a sentir dores.

O *papiro* que a mão segurava (eu o senti em toda sua completude) começou a queimar enquanto as vozes saíam pela garganta que compunha o corpo que eu ocupava e dividia. Fogo branco passou a inflamar; o mantra, combustível. Depois do tempo [desconstruído, escoado, desmanchado], o espaço. O espaço deu lugar a um lugar vazio – estranhei porque nunca o senti como daquela vez. Ausência, sentidos emprestados, a vagar pelo interior da *astronave* tal um espectro, um fantasma, uma advertência, um anátema. Não necessariamente o fim – porque dele pode haver um novo início. Antes disso. O inexistir. O não-estar daquelas criaturas naquele presente que eu vislumbrava sem ser meu. Um apagar de memórias predecessoras e sucessoras (memórias diretas que eu fazia parte); não, porém, de memórias minhas. Do espaço findado, o ambiente. Anulado. Desconstruído. De tal forma perceptível apenas para meus olhos emprestados; desconstrução vagarosa, diga-se de passagem; perceptível para a mente que era minha, para meu cérebro espalhado. Sem que a raça reptiliana (para mim reptiliana era) percebesse, iam de suas peles sendo arrancadas como se rasga um papel. Ou se corta uma cabeça. Por um segundo {muito tempo naquele não-tempo não-espaço não-ambiente} achei ter ouvido o som de suas peles rasgando; um som semelhante ao rasgar de papel; sugestionado, talvez, pela impressão mais simples que aquela desconstrução me impunha. Nada escutei até então. E apesar da lentidão que eram arrancados de suas peles, antes que pudessem sangrar, desapareciam. No lugar, negridão total. Primeiro elas. Espantei-me (confesso também ter ficado atônito, deslumbrado, embevecido) com a velocidade com que aquilo tudo acontecia – a lentidão, a morosidade da dissipabilidade. Fiquei igualmente atarantado quando chegou aos meus ouvidos o som do vento soprado por entre cavernas. Incessante. Gélido. Quiçá o eco do vazio que se formava à minha frente. Assustador. Eu tremi, atitude pueril, diante do avassalador aniquilamento enquanto as vozes se tornavam mais potentes boca a fora. Acocorei-me nas entranhas

intestinais; juntei-me ao meu medo infantil, às minhas dúvidas; não deixei de ver um só instante daquela horripilante cena. Encalacrado em minhas lembranças um memento.

A própria *astronave* na sequência se desconstruía. No mesmo vagar suas estruturas metálicas eram arrebatadas; desapareciam como as peles arrancadas. A tela. As paredes. O chão. A *astronave* inteira. Como se se cortasse o próprio pulso – sangue mesmo escorreu pelas paredes quando os pedaços maiores se corrompiam até desaparecer. Não uma represa estourada cuja água desce em fúria. Mas algo espontâneo. Que sai das veias arrebatadas, estouradas – quiçá de minhas próprias as que cederam lugar ao poder divino de Hélio; das veias que corriam por entre os revestimentos metálicos daquele enorme corpo estelar. Sangue aos borbotões, digo eu. Brotando e desaparecendo também em seguida, passando por mim sem me tocar. Cheiro nauseabundo chegou até minhas narinas, nojenta manifestação do pinga de vida que se esvaía daquele cadáver metálico.

Na mão (que eu não movimentava, mas sentia), o *papiro* a queimar. Um fogo azulado, não mais branco – tornara-se azul devido às vozes mais intensas, violentas, abundantes; adonou-se. As vozes. O som do vento. Misturados {quem sabe o vento frio que sopra pelas cavernas as carregava}. Formando um som único, o do vazio. Momento em que se podia ver as partes da sala mescladas à negridão que tomava lugar e começava a reinar. O fogo azulado consumia o *papiro*; deixava-o menor à medida que queimava; de suas cinzas um brilho cintilante, fugaz porém, chamou minha atenção. Convergi o olhar na sequência para a negridão – achei ter visto, lá no fundo, um ponto em destaque [um ponto também negro, reluzente todavia, como uma estante de livros ou de crânios polidos]. Cri ter visto minha própria face – um esgar de desespero, um semblante de aflição. Tentei me movimentar; senti não mover um só músculo enquanto a sensação era de rastejar em volta do corpo que eu assumira como uma serpente com os colmilhos à mostra, aspergindo veneno; cérebro espalhado, sensações conflitantes. Perdido – nas sensações conflitantes, portanto; esqueci-me do fogo.

Fogo azul de seu propósito não esquecer: o de incendiar; consumiu quase todo o *papiro*; queimaria minha mão (a mão que eu não movia). Eu nada pude fazer. Primeiro porque deixara. Permitira ser dominado pelas vozes e pelos mantras e pelos

intentos [assim havia considerado] divinos. Até concedi liberdade de, fosse o caso, me enrolarem na trama. Havia ainda o fato de não ter forças propriamente minhas dentro daquela *astronave* – de ter sido nada além de um veículo para Deuses Antigos e Escolhidos penetrarem no interior daquele antro de criaturas vis. De ter sido eu também um Escolhido – para sofrer os primeiros impactos, por certo os mais fortes, brutais, em resposta a tal investida divina. Segundo porque eu nada era senão cérebro espalhado. Para aquelas criaturas que agora deixavam de existir naquele presente. Cérebro que se rastejava como cobras. Talvez repleto de veneno nas entranhas de minha cabeça. Terceiro porque parte daquilo era memória de Hélio, outra de alguém mais que eu desconhecia. Em muitos momentos senti também flutuar – não ali. Não tendo o *papiro* na mão queimando. Senti-me parado, bem da verdade; profundamente compenetrado na leitura de um livro; inerte sob o efeito de drogas. Quarto porque desde o início já não era mais eu.

Eu gritei. A dor, intensa. Gritei a todo pulmão, este emprestado. Grito e voz eram meus; surgidos das entranhas intestinais que me havia acorrido, levavam consigo o cheiro de excremento. Ouvia concomitantemente as vozes dos Deuses e Escolhidos continuando o mantra; vozes insanas num insano invocar. Achei ter cessado a dor e o desespero; enganado estava: até então eu não sentira nem dor nem desespero. Começou quando o *papiro* queimou até o fim, queimando junto a mão que eu não movia, mas sentia. Dor ardida. Dor afligente. Dor em seu estado mais puro. Mais doentio. Mais abrasante. Aumentava e não cessava. O mesmo brilho cintilante, desta vez provocado pela mão que incendiava (*papiro* já não existia, fora consumido pelas chamas fugazes). Dor que se intensificou ainda mais quando me vi cortar, rasgar. Partir. Descontruir. Imitando involuntariamente a desconstrução das criaturas reptilóides – a *astronave* – o presente. Vi pela primeira vez meu cérebro espalhado; horrível visada – partes dele flutuando em derredor como se ali não houvesse gravidade. Não havia; foi tarde, porém, que percebi. Julguei ter sido aquele meu fim. Afinal eu mesmo desaparecia [ainda que eu não estivesse de todo ali, na dissipação].

*Negridão**fim planejado*

Sangue. Desta vez todo meu. Um instante predecessor. Imergi; banhei-me nele. Foi um leve piscar d'olhos. Bebi dele. A dor tornara-se minha fiel amiga. Chorei (sem lágrima alguma). Pela minha derrota. Pelo meu delito, minha perversidade. Minha perdição. Pela fraqueza de meu ser. Por toda uma vida arruinada. Quebrada. Meu cicerone, a insanidade. Como uma criança com as mãos conspurcadas do próprio ato falho, do próprio sangue. Chorei pela minha falta de destreza. E pela falta de clareza. Porque eu mergulhara. Fundo. Em minha própria psicose. Cedi ao nefasto, entreguei-me ao inevitável. De braços abertos, fraco, parei diante da enorme onda provinda do mar do desaparecimento. Foi tão-somente um leve piscar d'olhos.

Emergi.

Vi, olhos abertos, a total negridão. O único som que chegava aos ouvidos era do vazio negroide. Penso hoje, porém, ter sido olhos meus os que enxergavam o nada, o vazio escuro à minha roda. Ouvidos meus os que ouviam a manifestação sonora que vagava sem destino por entre o vazio, viajando num constante-eterno-lento movimento autômato (em linha reta, em rodopios, numa ascendente, na perpendicular, em paralelo, entrecruzado), tentando encontrar outra vez sua origem. As possibilidades eram muitas; não pensei em nenhuma delas, no entanto. Senão em tentar [porque mais do que isso me fora impossível] descobrir o porquê de eu lá estar. Quiçá um último suspiro – mas do quê? *Meus Deuses! Clamo por ti, Hélio! Clamo por Amior. Por quê?* De resposta, o som. Contínuo. Na frequência percebida. Indiferente à minha presença também. Sequer o coração do Corifeu dos Pajés-Deuses ouvi. Meus próprios pensamentos – substituídos, alterados. Pelo vago estelar, consumido. Preenchido pelo isolamento, último grau da ação do veneno a percorrer meu cérebro. Da confusão mental, a construção do nada após a desconstrução do todo. A vagar; consciência ao menos havia – ou será que nem ela eu tinha? Sem destino. No oceano do abandono {inconsciência?}.

Inconsciência? Sucumbi ao mergulho no desconhecido.

Haveria de ter um motivo para eu estar daquela forma. Não obstante meu raciocínio prejudicado, de ter chegado apenas no âmbito da inconsciência, no fundo eu sabia: o significado era mais visível. Só não podia. Ver. Entender; compreender. Quem eu era em meio àquela imensidão negra, sem luz. Não me fora possível reparar senão à minha volta, um eterno não enxergar; distinguir através de mim a massa que vagava. Entrever o corpo (ainda um não-corpo, quem sabe) à procura de um sentido para todo aquele espaço não-visível. Descortinar o véu da secreta esfera na qual meu *Eu* imiscuía-se. De ser uma insignificância talvez igual ao resto que me envolvia, talvez não. Atinar – *eu atinei!* – que minha presença na *ausência do estado das coisas* não passava de lixo. Tão-somente jogado feito lixo espacial [então digressionando, pois; afinal pensar em coerências não me estava permitido]. Porque nada parecia definitivo, embora resoluto fosse. Não haver ponto de referência, um norte a guiar – nem vontade de mover-me naquele obscurecimento. Autômato de uma não-força invisível, incompreensível. Motivada {a princípio pelos melindres da antinatureza} pela carga de lembranças impróprias às quais assumi como minhas – recordações *futuras* de meu Guia-Deus-Particular e outras mais de origem inevidentes.

Não havia espaço para *pensar*. A despeito da incapacidade de meu cérebro efetuar uma reflexão lógica, a incongruidade me fazia uno àquele lugar: fui, portanto, vazio e negro feito aquele ambiente. Sem possibilidade (das muitas que existiam, herméticas e escondidas) de escapatória, fui novamente cativo [antes das criaturas reptilóides], ali, na inexistência da *vida*. Foi o primeiro momento pós-desconstrução que pensei na *morte*; a ideia, aliás, me assaltou de súbito. *Eu morrerá. Eu falhara. A noção da vida eu perdera*. Sem noção alguma, as letras *M-O-R-T-E* pululavam dentro de mim. A sensação {pela primeira vez naquele vazio escuro} do cheiro da morte em minhas narinas. Trazendo consigo, enrodilhada, uma ideia menor: de tudo aquilo ser necessário, já que por veículo me fiz passar. Uma perda aceitável. De ter ocorrido o que os Deuses tanto evitavam, mas com tal hipótese trabalhavam – minha incapacidade. Atentei à manifestação sonora, invisível, à minha roda; percebi, não sem esforço, sua origem – o som, a negridão, o vazio estelar. *Haverá solidão*. Dissera-me Hélio certa feita. A origem, minha cabeça [antes um cérebro espalhado, dominada por um torpor alucinógeno]. Do caos. Do som. Do vazio. Da desconstrução. Existiu de fato; não passara, porém, de algo que viria acontecer, que ainda não acontecera

inteiramente. Dependia tão-somente de mim. Solitário. Sem forças. Eu naquele inóspito pago.

Capítulo IV

Despertar

negação

1

Fora minha eterna solidão.

Por quanto tempo, por quantas eras – não faço ideia, a identificação de mim não depende. Solitário em terras ermas eu estive sem sequer condições de avaliar minha situação; fui jogado a um mundo impróprio (uma lacuna, uma brecha na realidade talvez; um hiato provocado por uma falha da *Existência* quiçá), cujas lembranças, singulares, grudadas em minha persona, acompanharam minha jornada, deram um sabor todo especial – e por isso se deva entender dramático – a meu *retorno*. De certa maneira ainda me encontro por lá, navegando como um navio singra os mares bravios da escuridão. Não preciso fechar os olhos para ver-me perdido algures. A flutuar. Sem destino. Como um espectro a adejar, literalmente.

Apercebi-me acostumado à ideia da *morte* – até saudei-a no íntimo. Estava começando a me adaptar àquela nova etapa de minha existência (não sem assombro, óbvio; afinal, alguma coisa ciciava aos ouvidos etéreos meus que deveria refutar ao conceito de finitude que me invadira); aceitei-a como *irmã* fraterna, um ente querido, uma sensação reconfortante; entreguei-me ao frio da liberdade de minha *alma*; apreciei o novo sabor experimentado. Sorri um sorriso etéreo. Foi falso, porém; um prazer doentio para o qual me predispus a aceitar. Ofertando meu corpo; ofertando minha alma. De chofre passei a escutar o som do vento dentro de minha cabeça; um vento gélido, cortante, incessante. Demorei a perceber que o mergulho na escuridão –

consequentemente dentro de mim – não passava de um profundo êxtase; de o conceito de finitude não ser mais do que uma imaginação suspensa; de minha morte não passar de arroubo fantasioso, extravagante, preternatural. Demorei a escutar o som do vento. Mas estava lá. Presente. Audível. O ciclo em minha mente entorpecida. Em que aos poucos – som incessante – tornava-se o de uma série de rajadas de vento sopradas por bocas inquietas {ou uma máquina com defeito, acelerada, superaquecida}. Foi quando recordei [lembanças vindas sabe-se lá de onde] da voz de meu Guia-Deus-Particular Hélio. *Lágrima minha, liberdade sua. O que não há volta, não há escolha. Faça com o coração.* Ou eco dela porque antes eu já a escutara. Talvez ‘inda o desdobramento de suas palavras. Ao meu redor. Junto delas a de Amior, Corifeu dos Pajés-Deuses. Como uma engrenagem. *Estaremos juntos, contigo. Enorme honra. Lutar a seu lado. És tu, Escolhido, a jóia que se encaixa.* A rodar num conjunto de engrenagem feita especialmente para endentar peças mutáveis na urdidura cósmica do tear do impulso vitalício, *o receptáculo de diamantes. Lutaremos em sua defesa. Pelas vozes presentes, falo. Honra.* E como se joga uma rede de modo a pescar peixes, apanha-se uma nova realidade. Para qual a única solução é deixar-se ocupar. *Hélio, a partir de agora, é você. Tens tu meu coração. É – com bravura – resistir.*

Sobreviva.

As lembranças – tudo porque passei – me foram [continuam sendo] significativas. Até o mergulho no vazio negroide lacrimal foi deliberado, apesar de alucinatório, liberdade sem o ser (meio induzido pelas palavras que se desdobram). Não obstante, as ocorrências – incluindo a *astronave* não mentirei – mostraram-se reais demais para singelas recordações de mentes estranhas e alucinadas. Se os Deuses que vi e falei dentro das lembranças de Hélio não mentiram, então ninguém mais senão *eu* seria a chave para o desaparecimento daquele futuro em específico como numa mágica anamnese, pondo de volta a Humanidade num caminho menos obscuro.

Estava o tempo todo em minhas mãos conspurcadas o símbolo do *escolhido*.

O eterno flutuar – quanto tempo, quantas eras *meus Deuses*; tanto pelos sons que escutei dentro de minha cabeça (do vento, da máquina, do coração de Amior que batia forte e acelerado) quanto pelas novas e imperceptíveis sensações por que passei, incutira em minha mente, aos poucos, o que tomei como natural, a ideia de estar prestes a acordar. Para uma nova vida {*embuste dos grandes*}. O conflito veio na sequência: estava ou não estava – morto? Eis a questão. Para a qual haveria de ter uma resposta. Pois sim. Intuí, a despeito de minha insensata posição, igualmente pela ausência de sentidos meus, que minha interferência no divino contribuía para criar uma nova e paralela realidade para qual somente como coadjuvante eu teria lugar. Não mentirei, todavia; a ideia de morte ainda me atraía e me reconfortava – meio lutei contra a premissa do despertar. Deixei, como antes, a nova onda invisível da reconstrução divina me envolver. Deixei porque, querendo ou não, aquele não era meu lugar.

2

Paredão de crânios

Atinei, portanto, no contexto minha verdadeira importância. Escutei outra vez a voz de Hélios do vazio sem luz a me chamar; em sua voz um tom complacente, outro de veneração. Foi quando captei que eu não passara de instrumento de guerra nas mãos dos Deuses tecelões – a pernicioso urdidura cósmica na qual eu estava diretamente entrelaçado – e fizera parte de intentos superiores, excelsos, abjetos tão-somente. Cujas vilania, não raro e difícil de notar, orquestrada de tal maneira magistral, andava paralela à das criaturas que eu auxiliara a derrotar.

Acorde Escolhido meu.

Aos meus ouvidos etéreos chegou um som semelhante ao do borbulhar. Primeiro um ruído resistente, embora distante, feito uma bolha de oxigênio quando escapa de um recipiente do fundo do mar e chega à superfície num *bloop* monótono. Depois, acelerando como se o oxigênio escapasse então de um cilindro. Na sequência, o de se afogar. Por fim um verdadeiro chacoalho, o vascolear de líquido num recipiente do tamanho do oceano. A sensação afligente de não poder *respirar*. O veemente desejo de voltar a ter ar, desespero qual fez crescer dentro de mim a inquietante (autômata, afirmo) vontade de *volver*. O tempo. O espaço. À *vida*.

Abri os olhos. Cri, por tanto tempo quanto me fora possível, que acordaria de um pesadelo. E se acordei de um, foi para entrar noutro.

Vi-me diante do paredão de crânios. Aquele mesmo reluzente, da cor do ébano; proporções inigualáveis. Os crânios maiores e menores encaixados como livros numa estante, rematados de tal forma como se a mão que os alocara fizesse com esmero uma decoração funérea donde se pudesse imaginar símbolos duma cultuada macabridade. Falavam muito de suas origens: quem foram; sua importância; o que ali faziam. Eram livros de histórias pessoais; continham dores, desespero, aflição. Levemente luzidios; menos escuros do que o paredão; um enegrecido um tanto lustroso (por certo a mão macabra vinha vez ou outra dar-lhes lustro; uma mão que nunca se vê). Crânios soturnos. Crânios igualmente sedentos. Feito o próprio paredão, de cuja estrutura vertia um líquido meio aquoso meio grudento. Senti com os dedos, tendo desta vez literalmente tocado. Um paredão sequioso por novos crânios de modo a aumentar de tamanho e coleção – proporção esta corretíssima, em se tratando de um lugar desconhecido em minha mente ou na mente de um desconhecido, difícil determinar. Reparei-o crescer; multiplicar; copiar-se. Atinei que o próximo crânio seria o meu. *Ei. HAHAHA! Estamos esperando você.* Achei ter escutado de vozes blasonadoras, insinuantes, téticas, vindas de dentro dos crânios. *É o paredão que manda, meu chapa. Estamos ansiosos por tê-lo conosco. Junte-se a nós; é teu destino. A espera dói. Temos sede por novos companheiros, porque dos velhos já estamos habituados. Se bem que não podemos nos ver. HAHAHA! Não podemos! Esperando. O momento. O seu momento. De sua desatenção. Há um lugar reservado a ti, meu chapa. E muita aflição também. EEEE! HAHAHA! Você está louco, cara. Olha lá. Bem lá no fundo. O paredão cresce e sangra e geme. Por você. Ele quer você. E não vai sossegar até consegui-lo. Aceite nosso conselho. Não lute. Só vai deixar o paredão mais zangado; quando ele fica nervoso não há quem segure. O grito.*

Desespero! A dor. A aflição! Ai a nossa cabeça. Como dói. Tem um remédio aí? HAHAHA! Remédio! Remédio é você aceitar que diante do paredão não há escapatória. O que esta chusma de crânios faz lembrar? Hein? Fraco! Você é fraco! E talvez eu fosse mesmo. Afinal, na condição de humano, não passava de insignificância. Isso. É meio caminho andado. HAHAHA! Dentro de minha insignificância, além de fraqueza, dor. Porque nossas cabeças doem. Além de dor, aflição. E mais ao fundo, desespero [por encarar o tenebroso da visada e a horrífica realidade].

Peguei um dos crânios (falantes apenas em minha imaginação?); virei-o na mão, sensação de estranhamento – afinal ele, assim como os outros, tirara sarro de mim; senti-me flutuar em consequência de meus sentidos apurados, atarantados, conflituosos, enquanto eu o via e o sentia não mão. Parecia-me quente. *Ei chapa. Olhe bem para meus olhos. Eu disse olhos? HAHAHA! Eu não me aguento. Sério. Olhe bem para a cavidade suja de meus olhos; agora ficou melhor. Logo será você. Você. Achei tê-lo ouvido, voz somente sua. Mesmo sem saber eu estava certo. Perdi. A sanidade – perdi.*

Ser ou não ser. Falei em desassiso; não resisti. Foi por puro impulso que respondi às investidas sinistras tanto do crânio em minha mão quanto dos demais. Senti angústia, no peito um aperto. A dor preconizada – pela minha imaginação, quiçá. Desespero – por flutuar; falar com crânios; abrir os olhos; deparar-me diante de nefasta visada, realidade horripilante e perturbadora. Por *ver*. Porque só assim se explica (se é que se explica algo do gênero) o grito que escutei. Uma sinfonia iniciada do mais baixo fragor, fenômeno sonoro que incutira dentro de mim horror, calafrios, frio na espinha. Gritos vindos direto daquele paredão de ébano reluzente com crânios [o crânio em minha mão gritava também]. De dentro deles {do paredão e, confirmado, dos crânios arrancados enquanto as vítimas, vivas, ainda tinham um pinga de lucidez para gritar}. *Gritarei junto quando unido estiver?* Questionei-me. Mas será que eu não gritava também, mesmo sendo mais do que simples crânio empoeirado?

Teria sido? *Escolha das mais sábias.* Teria eu realmente sido? Fato inquestionável era de estar diante do paredão com crânios (falantes em minha cabeça ou não). Não haveria de refutar tal premissa. Tampouco negar ter gritado – ouvi, afinal, minha voz [minha própria voz, não a dos Deuses nem dos demais Escolhidos] unida aos gritos de desespero; crescia e aumentava e azucrinava. Vítima. Eu continuava sendo vítima. Ainda segurava o crânio em minha mão; convergi o olhar para a outra.

Dela escorria o mesmo líquido que vertia do paredão. Se naquele lugar o que escorria de minha mão vazia era sangue, não saberei jamais dizer; havia dor, pulsava dor – não somente da mão que parecia sangrar, todavia. Entendi {das inúmeras deduções}, em meio a meu confuso ser-não-ser, meu atarantado e conflituoso compreender, além de vítima, ter entrado num mundo alheio, cuja saída, única portanto, não seria senão a loucura. Senti a boca seca. Apercebi-me de chofre sob uma visada panorâmica: o corpo que eu vestira atava-se vagarosamente ao paredão de crânios.

Como se magnetizado para o alto por uma força imanada da mão que pule crânios eu fora, de modo a ver-me sob outra de tantas perspectivas. Chupado de meu corpo, vi-me iconograficamente numa cena que se distanciava e se aproximava concomitantemente. Meus olhos viam à distância absurdez; um contrassenso, um disparate que me atormentava, flagelava; eu nada podia fazer. Apenas olhar, do alto, através do deslocamento de minha suposta consciência, o infortúnio. Ainda continuava a escutar meus gritos, vindos do corpo em atração contínua, não suspenso onde estava; observei atento o mais que pude. Meu próprio crânio rasgava o couro de minha pele. E assumia seu devido lugar, o que pelo crescimento e alongamento do paredão me fora reservado. E da mesma maneira que eu fora atraído aos céus, voltei a meu corpo acometido de vertigem; o crânio na mão, a outra vazando e o meu ainda no lugar.

Clamei pela intervenção de Hélios; bradei com forças faltantes diante do paredão.

Occhio del Mondo!

Se aquele era um jogo de realidades interpostas, justapostas, novas e antigas canções e vidas, então eu me encontrara num dos entretempos daquele juguete. Quem sabe a mão invisível da urdidura me fizera também [outra de tantas vezes, incansáveis] cativo no *túmulo das glórias do passado*³. Que sabe esta mesma mão, afinal? Urdir maquinalmente mundos, fundos, realidades e não-realidades? Polir caveiras como se polisse preciosos objetos? O paredão verdadeiramente o túmulo de glórias sombrias cuja mão, invisível, viesse dar lustro, um adágio de meu próprio *sombrio desígnio*? Digressionando novamente, pois. Porque, para todos os efeitos, eu ainda estava lá – ‘inda estou, a saber, as lembranças emprestadas se encalacraram em minha carne. Dívida contraída da eternidade contra vontade. Anátema supostamente divino o que carrego; execrado pela mesma mão invisível que constrói e destrói a seu talante, torna espaço, preenche com o vazio, oferta escuridão. É de se supor e aceitar que uma vez amaldiçoado, amaldiçoado permanecerá. E como tal, presente e liberdade para uns, condição perpétua a outros como eu.

Túmulo de Eras, a julgar pelas caveiras pode-se imaginar. Não bastassem as demais oscilações {mundos, realidades, futuros, vazio; a inconsistência ou até mesmo a liberdade audaciosa da urdidura cósmica do tear do impulso vitalício} e alucinações por que sucumbi, havia ainda a vertigem do retorno célere ao corpo. Cri (achei que em definitivo; enganado estava) ter sido o paredão a lápide a cerrar-me dentro de meu próprio mausoléu; os crânios, esculturas a decorar macabramente a morada que viria – no futuro, quando morresse – morar. Toda sorte de pensamentos soturnos se me passaram pela mente [mente etérea, a qual só me traía]; bem da verdade, porém, eu não conseguia – talvez permaneça não conseguindo – concatenar as ideias e as informações que chegavam a mim, malsãs, sem nem mesmo preparar-me para o desfecho, contudo.

Eu continuava a segurar o crânio em minha mão.

Ser ou não ser. As palavras lá também se desdobravam, envolviam-me.

A condição de – como se diz – escravo do inevitável: envolto pelas palavras, era banhado e coberto e trespassado por sublimes deletérios quais, a despeito de minha não-consciência ou consciência emprestada, muito provavelmente provocavam

³ Referência ao conto “Bertram”, de Álvares de Azevedo.

a vertigem que senti ao retorno. Não obstante a perfeita visada do paredão, dos crânios (inclusive o da minha mão), do macabro a que eu estava inserido, [efeito então provocado pela vertigem] vi tudo em derredor uma imagem distorcida; outra de tantas lacunas naquele entretempo, quiçá a entrada para uma margem menor daquele íterim temporal. Vozes silenciosas {estavam em minha cabeça, nada me dizia o contrário, apesar de terem claramente falado}, escutei de meu cicerone – o *tempo* – o convite de naquele rasgo temporal dentro do entretempo atravessar: se eu tivesse coragem. Não palavras propriamente ditas. Antes disso. O som do vento. Ou melhor. Som do *coração*. Que pulsa forte, apesar de compassado. Como se houvesse dificuldade de atravessar a partir do lado de lá, viesse a ser o que fosse. Uma nova realidade imiscuída nas demais que eu lutara; quiçá a realidade em definitivo (não a da minha insignificante vida), um mundo aonde não houvesse sofrimentos e insignificâncias próprias de meu hábito. Não atravessei, todavia. Sequer dali me movi.

Apesar da vertigem, tontura também causada pela minha ignorância acerca das coisas que me cercavam – como a elas as palavras desdobradas a me envolverem; ainda tinha condições de refletir minha situação dentro daquele emaranhado de estranhezas; a ideia de morte fenecera por completo. Com bastante dificuldade percebi-me diante de uma realidade que se construía vagarosa e monotonamente. Não havia calor. Tampouco frio. Mas a sensação de um e outro estava muito presente; hoje penso ter sido um indeterminado desconforto reconfortante (se é que isso diz alguma coisa). Questionei-me – tudo foi ao natural, oras! – se deveria sucumbir às forças, maiores do que as minhas, próprias daquele meio-tempo entre mundos – acho hoje não ter passado de mais um delírio meu, cuja palpabilidade não se contesta. A questão: unir-me ao paredão, permitir [como já havia feito antes] que de minha cabeça meu crânio fosse arrancado. Eis, pois, minha infâmia – o meu foco desnudo – a falta de vontade própria. Não me movi dali senão pela força da atração que eu sucumbia. Logo iria ocupar meu lugar, lá no fundo, no paredão; meu crânio, um mais naquela coleção infesta. Sentido coerente?

Havia, eu afirmo; minha cabeça nada captava. Pensei nas palavras, apesar disso.

Ser. Ou não ser.

4

Nova explosão cósmica, velho Universo

Para minha cabeça aquilo não fazia sentido; continua não fazendo, aliás. São recordações que me fazem um mal danado. Eu fora o estrangeiro naquela lacuna – a parte isolada e excêntrica do todo, o maldito pária. A doença cuja cura era unir-se aos demais. Minha cabeça não captava a significância do que me era mostrado; em outras palavras: eu-não-entendia. Havia sentido e nexos próprios daquele lugar; estavam ali, na minha frente. Tanto o paredão quanto os crânios: representavam algo maior. Não fui capaz, porém (continuo não sendo, afinal de contas), de atinar a completude, o conceito primordial, a labiríntica, sinuosa verdade escondida no vácuo do invisível. Perdido eu estava em terras inumanas – a ideia do pó à poeira se diluía e se perdia e dava lugar à infinitude funérea igualmente representada pelos crânios. O som do coração pulsante aumentava em meus ouvidos etéreos; os rasgos, as lacunas tornavam-se vívidas, vibrantes, oscilantes (um quase piscar tremeluzente de olhos semicerrados). Mas será que eu não gritara também, mesmo sendo mais do que simples crânio empoeirado?

Senti. Arrepios pela pele. Até um leve choque na mão que empunhava o crânio. Olhei para a mão, depois para o crânio; achei tê-lo visto piscar, matreiro. Eu me aproximara mais do paredão – literalmente uma atração (quase até sexual, repugnantemente) imanada por forças insubjugáveis. Cri de súbito ter sido aquela minha viagem astral para o alto a ver-me unido ao paredão junto aos demais crânios o repulsivo ato sexual *post-mortem* que viria acontecer na sequência, vagaroso, insinuante. Asqueroso. Assaltado por premissas primitivas concernentes a seres vivos em lugar predominantemente funério, visceral foi-me ter visto a explosão a me impedir de engalfinhar-me em definitivo naquela parede-de-crânios sedenta pelo meu próprio [talvez aí meu indistinto pensar sexualista]. Uma explosão universal que cria e destrói, desfaz e reconstrói, desmonta e mantém mundos antigos, vivências primevas, experiências adquiridas. Olhei estupefato a mutabilidade da constante. Percebi, com

dificuldade, sem fôlego, os raios cósmicos da alterabilidade inundarem a negridão, atravessarem meu corpo. Explodirem o entretempo da realidade de modo a formar outra. No lugar.

Vi-me envolvido numa bolha de ar rarefeito, sem as propriedades concernentes à respirabilidade. Simplesmente levado. Conduzido. Através do acrônico multiverso. Flutuado.

Rasgos tornaram-se maiores; lacunas romperam-se. Luzes invadiram a morada dos crânios falantes, fizeram ruir toda uma realidade perniciosa, não obstante palpável na condição de astral; tornaram fugaz o que era perene. O único som era do coração – pulsava mais rápido, mais intenso, por isso descontrolado. Talvez de meu grito de desespero; não sou capaz de afirmar ter gritado, todavia. Afirmo, de outro modo, ter sido acometido de tal sensação capaz de me flagelar tamanha fatalidade – ali, vagando num espaço colorido cujo som, único, pertencia ao coração de Amior, nada fui além de uma *astronave* cega a vagar sem destino pelo cosmos. Das lacunas rompidas, luz aos borbotões {porque sob minha visada existia tão-somente o paredão com crânios-livros até então circundado por um não-espaço enegrecido em derredor} a consumir – literalmente exterminar – qualquer coisa que se pusesse no caminho. Inclusive a mim mesmo. *Sobreviva*. Veio-me à mente; escárnio divino, por certo. Não lutei. Nada fiz. Apenas me entreguei às luzes; elas irradiavam e iluminavam um macabrisimo sem tamanho: o não-espaço em derredor tinha um quê de sangue e de excremento que me confundiam e me perturbavam [imagino não ter sido nem um nem outro, senão naturalidade própria daquelas terras invisíveis a meus olhos]. Deixei de lado a visada do invisível iluminado para ater-me ao fim do não-mundo e o (re)início termodinâmico do todo. Deslumbrei-me. Reconstruía-se vagarosa e virtualmente – como se a mão opositora àquela a polir crânios viesse dar fim definitivo àquele vago entretempo – todo o cenário [uma imitação da desconstrução da nave e de mim mesmo] a me envolver numa espécie de delgada campânula de vidro – eu dentro dela de modo a proteger-me ou não me diluir de todo – em meio a raios cósmicos de uma explosão cósmica. Porque eu presenciara. O reajuntamento da *Existência* – presenciara.

Raios cósmicos. Explosão de luzes, ribalta divina. Sem um único som audível (pelo menos a meus ouvidos etéreos). Cenário que me engolia com vagar obscuro. Diluía-se aos poucos o paredão de ébano. Os crânios, apagados igualmente; o que havia em minha mão [já não mais o segurava, não obstante o sentisse ainda na palma], uma lembrança fugidia, um desenho desbotado. Embotou-se-me das recordações a visada anterior do paredão – ali eu trafegava num espaço menor, um entretempo delicado e imperceptível feito bolha de ar; haveria num momento ou outro de arrebentar fatalmente.

Minha maior preocupação, a despeito da imersão no absurdo colorido, ainda posso sentir, baseava-se na ínfima probabilidade de sob alguma forma voltar – e voltar inteiro. De nas estrelas haver uma que me guiasse dentro daquele pandemônio dos Deuses. A vaga recordação do brilho do sorriso de Hélio, radiante, a quase me ofuscar, também da luz resplandecente de Amior, braços abertos, diante de mim – uma cena construída em minha cabeça, não uma lembrança propriamente, na qual se resumia a nada minha participação e influência. Dentro da bolha de ar eu não era – eu não estava – não existia. Flutuava e não pensava no que havia do outro lado da luz que me invadia; tão-somente um avejão a adejar o vazio que precede o reconstruir acrônico multiverso da *vida*. Meu deslumbramento (por consequência assombramento) por ter presenciado o reencaixe de peças cósmicas [o tear dos Deuses novamente em funcionamento], o novo da antiga *Existência*, a reconfiguração da essência do núcleo da vida a eclodir – quebrar a casca, um novo nascer. Por algum tempo {tempo apenas em minha cabeça} o colorido da luz brotada das brechas temporais cedeu lugar a um embranquecimento total, alvura tal a me preencher e me ocultar tão extensa e intensa sua força de penetração. Eis, portanto, outro de tantos reinícios, cuja história ignora e ignorará. Dentro da campânula, horrendo privilégio, vi – e senti pelos meus poros trespassar – literalmente a reconstrução, do colorido ao embranquecido (feito névoa), de todo o universo que me cercara enquanto vivia, insignificante. Aquele haveria de ser o fim – se não o meu, do mundo; inexplicável, quase até inenarrável. Se dentro de mim algum esforço existisse, extinguiu-se; desisti – porque resistência, não mais.

Feito, talvez, o último suspiro: moribundo tornara-se aquela realidade enfadonha, perturbante; quiçá a volta dos ponteiros do relógio, uma oportunidade final de se refazer. Ainda se houvesse escolhas; não havia bem da verdade: eu sofria algo que não era meu. E flutuando testemunhei – sob minha óptica um reinício, um *reboot*,

o desenlace da consciência e talvez o remate de outra maior – a mudança. Que viria formar uma nova arrebenção cósmica. Ouvi, por fim, o *boom* tardio da explosão. O virar da ampulheta divina. O DNA reentrelaçado. O novo *bigue-bangue*.

Percebi, porém, o velho Universo. Porque, afinal, continua tudo igual.

5

A realidade que se bifurca

Para todos os efeitos, o momento seguinte não passou de doentia ilusão. Mesmo oculto pelo embranquecido da nova origem biológica, feito mapa de estradas secretas apresentou-se-me inusual prisma através do qual pude olhar a realidade que nos toca. Parecia-me ela literalmente um caminho longo e retilíneo igualmente branco; havia, atinei, um desvio à esquerda, tornando a estrada que se seguia um branco mais desbotado, quase transparente, até sumir como se engolida por espessa neblina. Eu provocara aquela dicotomia, aquele camuflado desvio. Não passou pela minha cabeça, todavia, enquanto ocorria, o que viria acontecer mais adiante, os perigos que se me apresentariam após a curva. Acho, porém, que a resposta encontrava-se dentro de mim – sempre esteve. Nunca soube, a respeito de minha ignorância inclusive em terras mágicas, supostamente divinas, soturnas, a profundidade daquelas insanas visadas. Dizer e afirmar terem sido elas tão-somente areia do deserto, até mesmo um conto que me iam ciciar e não deu tempo porque uma mão silenciou as bocas falantes antes mesmo da primeira palavra, seria um enorme erro; flutuava sobre lençóis e cobertas em ondas embranquecidas pelo *tempo* e pelo *espaço*, sem contudo um mínimo de compreensão. Pensei, súbito, existir um espelho através do qual pudesse ver-me – o reflexo não haveria de ser belo. De acordar de um pesadelo (no avião, quem sabe) empunhando um livro de setecentos e trinta e três páginas tendo nele

vijado mais do que o normal. Pois, como disse, doentia ilusão mostrou-se logo mais adiante o desvio – pernicioso morada da *repetição*. Não entendi, assim que dobrei a esquina da secreta estrada embranquecida, o porquê de tudo *permanecer igual*. Lá adiante. Como uma imagem que surge, desbotada [idêntica à estrada que seguia reta, engolida pela névoa], que cresce e se destacava – apesar de igualmente vagarosa. Medo. Medo. Eu senti medo. Ouvi minha própria respiração, acelerada. A sensação de aproximação. E o desejo exótico-insano de não volver.

Porque, por mais estranho que fosse, preferia a alvura a minha própria vida.

Também não sei sustentar se foi ou não verídico. Mas no fundo sinto – sentimento genuíno o que me dominou. Eu chorei. Respiração acelerada e, no momento de minha lágrima, soluzei. Tentei clamar aos Deuses possíveis para que cessassem meu flutuar – preferia toda e qualquer macabridade daquela insanidade divina a meus malditos pulmões a respirar ares desgastados. Eu queria! *HÉLIO!* Gritei; não sei se gritei, na verdade, ou se só escutei os berros de meu pensamento. Eu queria. Ficasse diante daquele paredão de crânios, viesse ocupar nele um lugar; antes dele, permanecer em meio à névoa {inda que tivesse ficado para trás} e ser dominado – subjugado – engolido – devorado pelas criaturas a adejarem dentro dela: *eu preferia!* Não pretendia voltar. Ter visto mundos, criaturas extraterrenas, Deuses, *astronaves*; vijado entre dimensões inexistentes. Ter sentido *horror!* Escolheria de bom grado tudo aquilo por que passei – e se pudesse agora, trocava com maior prazer esta pequenez de minha *inexistência*. Pois sim. Angústia. *Sim. Sei bem; todos vocês, aí. Dentro da névoa, à espreita, à espera. Este é o momento tanto ansiado. Ataquem. E façam com força e vigor para que nada de mim sobre.* Respondo às vozes das criaturas de dentro da embranquecida névoa com prazer demente. E rio. De minha desgraça, louco – eu rio.

Lágrima escorre agora pelo meu rosto; lágrima mancha a folha do papel em que ponho minhas recordações emprestadas. Ela me diz uma coisa.

Enquanto eu percorria aquele caminho embranquecido, e via a retidão sendo engolida por uma névoa a desbotar-se até desaparecer do mapa ficando para trás, apreensivo fiquei por saber o que vinha na sequência da curva. Não foi suave a guinada à esquerda; a brusquidão mexeu com minhas entranhas intestinais. Não poderia chamar de metáfora, mas certamente aquela grande curva representava

verdadeiramente a bifurcação da realidade. Deu no caminho uma volta em si mesmo, forçou o retorno a ele próprio. A imagem a se aproximar nada mais do que um regresso à minha fatídica vida, o caminho antes de tudo percorrido. Modificado, outrossim, devo dizer, em seu passo seguinte, pequena alteração no trajeto de então – a trajetória concernente à humanidade extraviada, eu nela inserido. Lembranças quais não mais existem (estas tão-somente alocadas em minha cabeça, algures); caminhos percorridos até aquela dicotômica interseção desaparecidos, apagados {da memória universal; dos próprios traços trafegados naquele mapa de secretas estradas em branco; da memória da Humanidade}.

A realidade se bifurcara – fenômeno tal destinado a não mais se repetir.

Ao parâmetro anterior, modificada, retornara.

6

Despertar

Eu voltara à minha vida desprezível.

Continuou tudo igual. Mudou, porém. Para meus olhos, tudo pareceu como antes, tudo soou idêntico. A mudança foi fora de mim. Exigiu, de algum modo, o reajuntamento das partículas a que todos somos formados (do pó à poeira, depois o barro, na sequência o *humano*). Óbvio que perdi o mágico reassentar das células; afinal ainda percorria a estrada em branco, tendo sido aquele desvio um atalho (daqueles que literalmente corta e extermina a sequência do caminho de modo a deixá-lo no ostracismo cósmico); não estive presente quando a Humanidade religara-se novamente. Acaso viesse falar o que me ocorrera, as consequências, o que fui em terras não-humanas, ninguém me acreditaria; para olhos inaptos nada daquilo

aconteceu. Eram tantas as possibilidades, tantos se, tanta inventividade e quimera própria de Deuses que não poderia negar também nada ter acontecido – a julgar os momentos de entorpecimento, dopado por narcóticos divinos como estava. Triste aquele retornar; triste ver a mesma imagem, o mesmo corpo [o meu não mudara, ironia outra dos Deuses]. Feito a tela da saleta na *astronave* aproximara-se de mim a imagem – e vice-versa – a aumentar de proporção e tamanho (como se dissesse ser a estreita porta de um paraíso qualquer, quanto muito a da dor e sofrimento meus), de maneira através dela passar. A sensação de calor *sobre*-humano em meu braço {já começava a sentir meu corpo a partir de então; uma sensação ainda fugaz}, o regresso ao meu próprio corpo. Cri ter sido o retorno igualmente uma necessidade dos Deuses – cujos traços (humor ácido) me atingiram fundo no coração; de entorpecentes etéreos, vítima outra vez. Cri ter sido manipulado por criaturas que não aceitavam a interferência de quaisquer outras. Borbulhou em minha mente viajora uma chusma de fervilhantes pensamentos. Negras fantasias a me assombrar. Pitorescas visadas de mundos oníricos.

O velho *sombrio desígnio* arrastara-se junto a mim, cravado em meu peito.

A imagem, literalmente uma janela. No fim, quando bastante próximo, captei a informação: haveria de ser um salto perigoso, imensa sua margem de erro – exigiria de mim concentração-coragem-vontade-atitude (raridade em minha vida). Meu flutuar não cessara, pés sobre uma enorme esteira invisível. O pulo estava na iminência de acontecer quando convergi o olhar para trás. Achei ter visto criaturas – seriam as que se escondiam na névoa? – alimentando-se do vácuo que eu provocara. Alonguei minha vista; apertei as pálpebras de meus olhos etéreos; reparei nelas detalhes atrativos, não por isso belos: seres imiscuídos no invisível iluminado daquele entretempo, características marcantes; não esqueci daquela visada. Esqueci, pois, foi de ter olhado a janela se aproximar {prestara, afinal, demasiada atenção aos seres mais baixos da casta do panteão divino}. Atravessei, de costas, a bolha de ar que compunha a delicada camada da janela – estourei a parede das realidades sem saber em qual delas cairia. Não havia retorno, nem antes nem depois de ter atravessado a passagem. Exatamente porque retorno fora a bifurcação. Dali para diante teria, sem sombra de dúvida, dúvidas. Uma delas, a de permanecer escravo de minha eterna pequenez. Outra, de ser eu tão-somente um instrumento descartável de mãos excelsas – a respeito de ter sido usado como sagrada isca de vis emboscadas, o

cordeiro a ser sacrificado; a despeito da suposta divina interferência – e insanas. Aventuras, horrores, dissabores; partes componentes de meu acordar de sonhos divos. Nada daquilo me era reservado. Tal como instrumento, pouca coisa signifiquei além de um vírus dentro do fragmento de realidade extraviado, dissipado. Apagado. Substituído. Ainda com olhos pousados nas imagens das criaturas [elas haviam ficado de mim mais distantes], senti o declínio ao passar pela janela; senti estourar a delicada membrana, o romper das realidades interpostas, justapostas. Ouvei a mescla de novas e antigas canções a formar uma já conhecida, não obstante a confusa orquestra musical que se me chegara aos ouvidos como o som do vento soprado por entre cavernas; vidas refeitas. A solidão divina da queda; o corromper daquele juguete. Conservou-se em minhas retinas a imagem final, antes da queda – o fim daquele entretanto que eu também causara; as criaturas dele se alimentando. Uma imagem que se apagará apenas quando ao meu passamento definitivo.

A queda. Por algum motivo eu não gritei. Sensação de entorpecimento, apesar de literalmente cair dos céus. Mas pensei. Em meu coração, misto incompreensível de temor e sossego. Se tivesse de ser minha morte naquele ponto {por um ínfimo instante a ideia de morte voltara}, que fosse a menos dorida; a ideia sumira na sequência. Da brancura a desbotadas cores; depois o azul do céu, um ou outro toque de branco de nuvem. Não entendi a sequência dos elos seguintes até meu completo retorno. Os Deuses haveriam de dar-me benefício – único que fosse – por ter sido usado e abusado de minha fragilidade. Pensei em recompensas, nada ganhei. Senão promessas renovadas – retidas nas memórias emprestadas que até hoje carrego; embotadas, porém. Caía (houvesse ao menos um chão para amortecer minha queda ou quebrar o que sobrara de mim) como peso morto. Tendo despencado de alturas imensuráveis, imantado pela atração do solo distante, não clamei por meu Guia-Deus-Particular: fiz apenas pensar. Secreto desejo de ouvir meus ossos quebrando quando ao primordial toque no solo, igual ao toque sutil de um dedo divino. O medo em meu coração, talvez, a certeza de voltar ao que eu era antes; o sossego, hoje deduzo, ter estado no fim daquela aventura. Peripécias dos Deuses; desdita e finitude humana, minhas. Não supliquei pela interferência de quaisquer Deuses, tampouco dos Escolhidos. Deixei a viagem me conduzir na vertiginosa queda; a ausência do maquinista macabro. Até chegar ao solo.

Abra os olhos. Acorde Escolhido meu. Desperte do sono oculto. Venha sentar-se a meu lado. Novamente.

Escutei Hélio a me chamar. Havia calma em sua voz, havia placidez. Eu precisava daquilo. Tive condições de raciocinar, apesar do mergulho, não obstante a chusma de vozes que escutava em meus ouvidos como vento. Embora lento, um raciocínio. Alheado ao movimento confuso externo – sentindo ainda a queda (uma sensação meio distante depois da voz de Hélio); esforcei-me.

7

Compreender

Fiz como ele pediu; abri os olhos; arregalei-os. Puxei o ar o máximo que pude, já sem fôlego. Por um instante dominou-me a cegueira; diante de mim, branco mortal. Pois. Era o retorno à minha vida inapelavelmente desprezível. Qual foi a graça? (ou as risadas que escutei foram em minha cabeça?) Deixa estar. Porque, apesar de desventuroso, eu rio também. As lágrimas: elas sim são de tristeza.

Antes, porém, de acordar, passei por um instante final de torpor.

Hélio me chamara. A julgar por sua voz não parecia tão distante, isso se não estivesse dentro de minha cabeça. Afirmo ter raciocinado – lentamente, volto a falar; a base deste raciocínio fora a dúvida. A queda, apesar da sensação afligente real e alongada, tinha sido muito rápida, diria até inventada; resquícios finais do efeito do ópio divo. Pela primeira vez naquela aventura, naquele horror, naquela negra fantasia – pela primeira vez a palavra *mentira* formou-se em minha imaginação, conturbada mente. A medida da influência do termo formado e destacado em meus pensamentos, eu tentei sopesar; sem sucesso, porém. Tentei igualmente acreditar nas realidades mostradas. Não fui capaz sequer de entender ter sido um Escolhido. Tampouco

compreender que fora aquela uma labuta, conquanto atemporal, ainda inexistente (haveria de fazê-lo mais adiante, só demorei a atinar); apagou-se, afinal, da própria realidade para assim ser considerada real, a despeito de permanecer em minha lembrança. Então o que deveria eu temer? Incapacidade, meu atributo: já estava fora de mim mesmo; não me custava continuar a imaginar mundos e fundos. Pois. Acostumado a ser vítima como estava, aquela mais uma circunstância a me fazer cativo. *Quem sabe a verdade deveria eu temer!* Minha função diluiu-se junto àquela experiência extraviada, tão-somente recordada. Questionei-me.

Teria sido manipulado? Uma espécie de lavagem cerebral?

Vítima! De qualquer forma, vítima. Ainda mais arremessado contra vontade numa viagem tétrica causada pelo ópio divino cujo efeito começava a findar. Arregalei os olhos, afirmo; parecia um grande empecilho poder enxergar em derredor. A brancura mortal [termo este que ora assumo com verdadeiro] quase até me preenchia tamanho sua aspensão. Procurei a abóboda celeste – aquela mesma que durante minha queda mostrara-se azul, branco pontilhado como nuvens esparsas – na tentativa de encontrar a tal estrela a me guiar. O abrancado da morte, dona daquele instante atemporal que precede o irromper dos olhos cerrados, não simplesmente descida, minha nova companhia. Ainda senti a presença de meu Guia-Deus-Particular, não obstante tão humano quanto eu – exatamente desta forma julguei imerso naquela branquidão final de meus sentidos. Permaneci com os olhos convergidos para o alto na tentativa de encontrar algum detalhe destoante; custei a perceber, em meio ao abrancado, criaturas cintilantes – elas flutuavam praticamente imperceptíveis – pairando à minha roda. Nenhum som chegou aos meus ouvidos (aqueles da queda de há pouco sessaram, abruptos); a ausência sonora contribuíra ainda mais para o aspecto preternatural que se me apresentava então. Pensei em Hélio. Afinal, como ele era?

Esqueci? Perguntei-me; voz de meus pensamentos, minha própria ecoando pelos esconsos da mente expandida, oculta. *Esqueci quem sou também?*

Olvidei de mim o que sou formado? De meu passado sombrio? Dos desígnios obscuros em minhas recordações? Pensei, pois, já sem voz; questionei-me, ingênuo, desnudo de veleidade e malícias que me conspurcam. O último suspiro do veneno antes de meu completo despertar.

Havia criaturas em meio à neblina; ou elas não percebiam que na névoa estavam imersas ou não atinavam minha presença. Passavam inclusive através de meu corpo meio imaterial sem sequer sentir o toque – eu as sentia tocar em mim, toques gelados e libidinosos, uma sensação que me causou enjoo. Levantei o braço: a neblina tinha aspecto pegajoso, provocara em meu íntimo asco – vomitei quaisquer resíduos sólidos da droga em meu estômago, um verde-escuro gosmento feito bile que sumira na sequência, deixando um cheiro nauseabundo para trás, em minhas narinas. Baixei a cabeça; olhei para baixo; não pude ver meus pés porque a brancura mortal estava *viva*. Procurei alongar a audição de maneira a escutar ao menos a respiração das criaturas; no fundo de minha mente as escutei proferindo uma expressão muito significativa. Flutuei – não senti meus pés exatamente no chão. Forcei meus sentidos para entender o que elas diziam. Ciciavam um nome que em minhas viagens extraterrenas oníricas eu fora chamado. *Escolhido*. Vozes masculinas, femininas, antinaturais. Clamantes – por certo me procuravam {anulava, portanto, minha primeira impressão} e não me encontravam. Fechei os olhos; movi minha cabeça; abri-os, olhando para frente. Espantei-me. Achei ter visto também tentáculos – como se dentro da brancura mortal duas ou mais realidades se chocassem, beijassem, interagissem sem anular umas às outras. Só por isso senti medo; não fazia ideia do que aquilo representava – se é que houvesse algum sentido coerente para mim.

Percorreu pelo meu corpo engolido pela cortina de neblina uma vaga sensação de dor. Não uma dor exatamente; no máximo um pressentimento ruim, talvez um abalo, perturbação emocional a me causar indeterminado prazer e sofrimento; doentio prazer do clímax da perversidade. Apavorado pela minha condição imerso na névoa sobrenatural, tentei procurar às escuras um ponto de apoio, uma mesa. Um lugar fixo. Porque precisava me certificar de que eu não era outro sonho.

Estava sozinho naquele abrançado (igual a tantos momentos por que passara dentro daquela fantasia negra). Apesar da presença de Hélio, minha solidude marcava-se pela densa serração monocolor, pelas silhuetas de criaturas que me trespassavam e se tocavam e não se nulificavam. Ainda flutuava, apesar de começar a sentir algo mais sob meus pés; o mesmo ocorreu, sutilmente, co'a pressão nas nádegas {não percebi no momento, mas em sua completude nalguma coisa – quiçá num tentáculo – eu sentara}. Meu corpo eu passara a sentir com maior precisão, não obstante o lento retorno. E além do choque que me causara prazer e sofrimento, a aflição – pelo que

meus próprios olhos ora viam, portanto recordação minha – percorreu pela pele imersa em brancura, arrepiou-a, gelando-me a espinha. Porque afinal, mesmo no fim, eu ainda estava entorpecido, também pelas visadas. Continuei a escutá-las até com certo deleite: no fundo queria gritar e mostrar que estava ali, o *Escolhido*. Não podia, porém; os riscos pareciam demasiados. Respirei fundo; pelas narinas entrou um ar pesado, grudou-se no nariz uma viscosidade repugnante; procurei novamente por um ponto fixo. Forcei uma segunda vez a audição: achei ter escutado sons anômalos a navegar por entre a branquidão, unidos aos cílios que me chamavam. Ruídos – guinchos provindos do ser cujos tentáculos igualmente me tocavam, deduzi entre o frenesi e a calmaria de meu coração parado [ou seria porque sentara num deles?] – vagamente familiares. Assim como o ar respirado, pesado, na pele senti um vento morno soprado talvez pelas bocas que eu não via, talvez por uma só, próxima a mim; balançara meu cabelo, secara a saliva de minha boca. Engoli em seco. Vi de chofre algo vindo a meu encontro, a galope e assanhado. Tremi – pelas possibilidades. Foi quando senti o coração bater dentro de meu peito. A pressão e o choque foram intensos, doridos. Fizeram-me do sono etéreo acordar. Despertar. Definitivamente voltar.

Eu saíra de minha mente.

O efeito do narcótico cessara. Deuses e Escolhidos – achei – estavam em festa; nas lembranças de Hélio eles vibravam. Quisera eu também vibrar: ledoo engano o meu, por pensar em possibilidades de mudança (de meu corpo, de minha vida). Se alguém neste mundo voltou igual como estava, este era eu. Ninguém mais fora atraído por aventuras perigosas de mundos fantasiosos. Sei bem ter sido eu uma necessidade dos Deuses. Foi somente naquela ocasião, quando a droga perdia efeito, que entendi e compreendi minha posição no todo. Perdurassem dúvidas no porvir, a certeza de ter sido algo importante a elas se sobrepusera; uma certeza lânguida, desbotada, mas persistente. Compreendi; fi-lo apenas antes de abrir completamente meus olhos, tempo todo meu.

Escutei a voz de Hélio, à minha frente. *Foste bravo Escolhido meu*. Disse-me; pela brancura da névoa sua voz ainda escondida. Até aquele momento, a sequência dos elos me confundira, foram-me ininteligíveis suas revelações; bastou sentir meu coração ou ouvir a voz de Hélio ou sentir que logo abriria meus olhos para

compreender. Restava um passo para reocupar o lugar dentro de meu corpo; dera-se o completo retorno na sequência, com a dispersão da neblina que me envolvia.

Compreender. Acho que ninguém sequer entenderia – passei maus bocados dignos do sonho mais alucinado. Sustento com todo meu ser que aquilo foi verdadeiro; não foi fácil, porém. De mim exigiu muita força e muita atitude, algo que não me é de costume. Senti o sangue correr de volta em minhas veias. As mesmas dores. O mesmo sofrer. Força-atitude – nunca mais. Pelo menos até aqui. Confiando nas promessas.

Compreender. Ter sentido na mais longínqua esfera o tremor do final. Ter, quem sabe, penetrado em outro sonho, outra lembrança, quando à minha chegada naquela *astronave* num piscar de olhos via borrão de imagem descolada e queimada. Do desdobramento temporal. De ter trafegado, de diferentes maneiras, num mesmo ambiente, por si só belicoso; participado de alguma forma da mesma guerra, sob diferentes prismas. Orbitado outros mundos, flutuado nos céus em meio à própria contenda. Participado, mesmo como espectador, do combate entre raças; da maior, vinda das estrelas, prestes a vencer, dominar, reinar. Verossímil, eu afirmo! Porque a luta pelo domínio, quiçá escravidão, existiu. No futuro que não se irá repetir (não da mesma maneira, ao menos). O retrocesso, por causa da guerra, da evolução das raças: inegável. Ora imagens difusas ora definidas; cenas que não mais existirão. Compreender. Quase a explosão; por pouco não a vi. A *bola de fogo* azulada. Mesquinho conflito que poria fim, extinguindo inclusive a raça humana. Compreendi o motivo de ter sido o *Escolhido*. Em meio a tantos, selecionado. Apenas *eu* poderia intervir. Os Deuses de mim dependiam. A legião deles dentro do corpo que eu ocupara. Foi tudo antes de abrir meus olhos. A dor que senti. Os maus bocados por que passei. Compreendi o motivo. De ter lutado, o motivo.

Compreender. As insinuações, por vezes libidinosas, de meu delírio – isso porque quem experimenta a viagem astral não deixa de imaginar um só instante. Genuíno enquanto peça descartável da urdidura cósmica, in verdade porque não aconteceu – mentira dos Deuses e assim deve permanecer, eternamente. Fui algo a se doar, descartar; a oblação; o trunfo divino. Passei por diferentes planos. De todas as formas e sob diversos prismas da guerra eu participara – flutuei sobre a cabeça dos combatentes, astronaveguei dentro de uma das várias *astronaves*. Fui eu, conquanto

tenha sido cérebro espalhado e Deuses ao mesmo tempo. Minha importância, ainda que nada tenha ganho senão recordações. Vi os reptilóides a apertar o botão que daria ignição à *bola de fogo* azulada. E interferi. Eis a origem do inverso no tear divo, o retorno. A mentira comemorada pelos Deuses e Escolhidos nas recordações de Hélio. Exatamente o porquê da vinda de Hélio, de ter se achegado a mim; do *papiro* em seu bolso. Nossa função num futuro jogado fora, substituído. Embora eu tenha existido naquele mundo de sonhos, quimeras e horrores, fui Hélio, fui todos os Deuses, os Escolhidos. Num só corpo. Compreendi que necessitava de um motivo. Por isso de ter considerado aquelas criaturas como reptilianas. Em verdade elas não eram; senão em minha imaginação deturpada da realidade subtraída. Eu precisava de um gatilho em meu íntimo. Para me permitir. Mergulhar naquelas obscenidades – permitir. E os Deuses sabiam disso. Elas nunca foram reptilianas fora de minha percepção equivocada. Outra de tantas raças estelares por pouco divinas, cujo intento fora sem sombra de dúvida reinar, exterminar e partir; continua sendo, longe daqui tanto no tempo quanto no espaço, sem saber que o Homem existe. Rivalizavam com os Deuses Antigos iguais a Hélio; em minha mente, injetada a ideia de terem vivido apenas por um átimo em conjunto, no seguinte rivalizado; talvez, de outro modo, explicasse a tendência equivocada do bem e mal adotada pelo Homem. Vi a mim mesmo sob diversos pontos-de-vista. Corrigi o incorrigível. Fiz a extraviada raça humana volver alguns passos. Devolvi um pouco de vida em nome dos Deuses e dos Escolhidos; em nome de Amior. Perdi (porque só não mudei a mim). Fui importante dentro de minha desimportância. Compreender ter sangrado por um ideal. Ter sobrevivido por um fim.

Dei o melhor de mim. Aguentei os infortúnios por um céu azul outra vez. Pelo Sol a iluminar e aquecer nossas e novas vidas. Pela comunhão Deuses-Escolhidos; ao lado deles, destinada a mim a vida eterna. A reconstituição do caminho pela borda do precipício sem nele cair. Pelo meu próprio fim. *A jóia.*

Compreendi.

8

*Negação**Fuga*

Abri os olhos; voltei de todo. Por um instante ainda senti o cheiro em minhas narinas – cheiro que me acompanhara por toda jornada, misto de sangue-excremento-obscenidades divas; desaparecera no seguinte. A densa serração dissipara-se com o soprar de vento junto da mão invisível: diante de meus olhos sumira sem deixar vestígios. Minha respiração um tanto descontrolada, meus olhos abertos, pupilas dilatadas – não consegui concatenar o porquê de ter permanecido à mesa quando fora a outros mundos e penetrara na *astronave*. Sem sucesso (outro de meus costumes) tentei, recém-desperto, sopesar os ocorridos e comparar minha experiência adquirida de outrem: nada consegui senão assombro. Em meu coração. Pensei nas possibilidades pós-despertar. Pensei quanto tempo eu passara imerso em sonhos horríveis e fantasias negras supostamente divinas. Quanto tempo se passou enquanto mergulhava naquele hiato. De tempo. De espaço. De mim mesmo. Retida em minhas lembranças pré-fantasia as pessoas que caminhavam em derredor; olhei para trás; vi uma que, antes de a neblina as engolir, passara por nossa mesa sem nos perceber, absorta por certo em pensamentos só dela. Apertei as vistas de modo a enxergá-la melhor – caminhava como se nada houvesse ocorrido; seguia seu rumo recém-passado por nós. *Cinco minutos?* Talvez menos? Convergi o olhar a Hélio; circunspecta minha face. Ele sorria do outro lado da mesa. Seu sorriso me dizia coisas, nelas eu não acreditava. Olhei para minha mão; repentina lembrança do gesticulador na *astronave* que auxiliei desconstruir; de ter ele pego meu braço direito, esticado minha mão, nela cravado a lâmina verde descida da manga de seu terno. Não havia marca. O dedo mínimo continuava no lugar. Recordações doridas.

Mantive as mãos sobre a mesa, desta vez com as palmas para baixo. Desviei delas o olhar; convergiu-se a Hélio, ainda sorridente. Tentei olhar fundo em seus olhos; não obstante humano igual a mim, dele uma luz [que não se vê, percebe-se] chegava e me iluminava; luz saída de seus olhos extremamente azuis. Pavor, creio, percorreria meu corpo, estampara-se em minha face – onda de choque me fizera perceber de sua parte faltante. Sorriso manso, tranquilo, sereno. Falava-me com os olhos luzidios que tudo estava bem. De acordo que descia o olhar às suas mãos também sobre a mesa, eu reparei seu queixo um pouco pontiagudo, a boca fina, camisa branca de manga curta estreita nos braços, aberta nos três primeiros botões; muito provavelmente vestido com a calça jeans azul e sapatênis, embora não pudesse visar devido à obstrução que a mesa me causava. Hélio não mudara, apesar de ter sido algo subtraído. De chofre mirei a suas mãos, esticadas; parecia fazer de propósito. No pulso da destra uma marca feito cicatriz! Nela nitidamente o dedo mínimo faltava.

Não direi que ri da loucura, não obstante ela me tenha sido por demais afligente, me tenha sorrido. Vê-lo sentado à minha frente praticamente igual fora-me no mínimo conflitante, sobretudo pelo dedo faltante – mas quem perdera o dedo fora eu, na fantasia. Hélio *Occhio del Mondo*, radiante, apenas com seu semblante dizia-me coisas inacreditáveis. De seus olhos. *Você foi bravo, Escolhido*. De sua boca fina, imóvel. *És tu nossa paixão*. De seu corpo, tranquilo. *Já aconteceu*. Medo. As palavras-em-silêncio chegadas a mim causaram-me um abalo sem-tamanho, mudaram a estrutura de meu ser; até então permaneci anestesiado pelo recente retorno, prostrado. Feito bombas atômicas jogadas no núcleo de meu âmago, explodiu-se em mim uma vontade. Que fez mover meu corpo. Ímpeto! De querer. Não mais ver as indecências, não aos intentos supostamente divinos. Não mais vê-lo. De Hélio, fugir! Pus-me de pé; dei o pira dali, com a alma aflita, flagelada. Voltei a olhar seu rosto, em fuga; mais vi seus cabelos louros ondulados.

Quando levantei-me, quase derrubei a mesa; copos e garrafa de cerveja tilintaram em resposta. A única reação de meu *Occhio del Mondo* foi o sossego; dele, o sorriso inabalável. Por um instante, espavorido, achei ter sido o centro das atenções daquele povo alheado às minhas expervivências; talvez tenha sido. Apenas não

aguentei a presença de meu Guia-Deus-Particular humano; seu sorriso – no fundo, somente para meus olhos, ambíguo; sua postura. Não suportei o que dizia sem palavras. Não tolerei o brilho cego de seus olhos – a maldita recordação em meu coração engalfinhada. Saí daquela mesa, meio aos tropeços, tentando fugir do inescapável; em minha confusa cabeça, mirabolante ideia de apagar, co'a fuga, aquela passagem de minha vida. No seguinte, a certeza. Cega. Perdida. Ainda que eu tenha chamado atenção, aquela fuga haveria de ter significado {em partes, descobri posteriormente}. Para minha mente atabalhoada, um sentido. Deixei para trás verdades e mentiras. Outra de tantas vezes, aquela a primeira pós-despertar, permitiu-me ser conduzido pelo medo, dominado pelo espanto, preenchido pelo horror. Porque a despeito do pouco tempo que se passara, cinco minutos ou menos, eu sentira a dor, o desespero; sangrei em nome de Deuses esquecidos em época monoteísta. Por isso de minha fuga. Não soube enfrentar aquela nova-velha realidade a qual eu retornara; não na presença de alguém que se dizia um componente do panteão divino e parecia humano como o sou. Dar o pira também significou a negação, partida por certo de meu coração, a quaisquer possibilidades, remotas ou não, de daquele futuro esmagado, desconstruído, substituído, voltar a existir. A negação sobretudo de minha participação naqueles eventos num porvir desaparecido. Negação. Porque tudo o que eu queria, quando à minha partida aos tropeços, era não mais ser procurado pelos Deuses. Tampouco por Hélios.

Escolhi dizer *não*. Neguei às possibilidades, os intentos de Hélios. Pela Aventura. Pelo Horror. Pela Fantasia Negra. Pelo que eu não quis passar. Fui compelido, porém. Pelo delírio.

Saí da mesa com ar de espanto. De aflição. De pavor. Olhei para trás uma vez apenas. Quando olhei, mais para seus cabelos, percebi-o sorrindo. Um sorriso de vitória. De extrema alegria. Daqueles que brilham. Não atinei no momento de minha partida o que aquele sorriso embranquecido-iluminado significava. Hoje, tendo o tempo passado, atino o que queria dizer aquela felicidade, em minha obscuridade, incompreensível. Hoje entendo o que tudo aquilo significou. Tudo por que passei. As andanças. A névoa. O paredão de pedra com crânios feito livros. A gruta de onde se reuniam os Deuses. O próprio Hélios. Naquela olhada vi-o – havia realmente sido arrancado do dedo mínimo na destra. Eu sei. Eu entendo – compreendo. A dor. A necessidade, minha própria imolação. De ser eu importante para a *Humanidade*.

Porque tudo aquilo aconteceu, ainda que eu tenha dito *não*. Foi num tempo diferente do meu; um tempo todo de Hélio. Um nanossegundo, se assim eu posso determinar. Um microtempo, o tal desvio da realidade que se liga a ela na sequência. Uma linha tão tênue que poucos são os que a percebem – permanece tudo igual devido minha interferência junto aos Deuses de antanho. Mas eu não ganho nada – nunca foi dito que ganharia. Sofro das consequências externas como todos. Tenho ainda as dores de antes. Recaídas depressivas. Tristezas e felicidades mundanas. E apesar de ter lutado ao lado de Deuses, continuo Humano. Continuo melancólico. Permaneço o mesmo ser de antes, sorumbático. Ainda carrego as experiências amargas de minha vida quebrada, estilhaçada. As lembranças de antigamente. O amargor de épocas desiludidas. Perdura em mim de um tempo não muito distante os velhos sabores, as experiências. Os horrores de um *Sombrio Desígnio* que não se apaga.

Voltar ao Brasil. Porque sinto no peito. Para morrer.

Sem orgulho.

Sem honra.

Nada mais.

Capítulo V

O fim que a todos leva

Lágrima

1

Tive tempo de amargor, tempo de reflexão. Naquela jornada astral, os caminhos por que percorri, nas escolhas. Sou um homem que carrega dentro de si horrores – com certeza ancestrais – não mais arrancáveis. Passei a acreditar na inexistência do acaso; eu achei que viajando à Grécia poria também fim aos medos de então. Sentimentos soturnos em meu peito: intensificaram-se. Expervi ocasiões que traria fim imediato a qualquer outro; sobrevivi apenas porque sou fraco. Existiu, inegável, uma permissão ou ainda uma necessidade de os Deuses Antigos interferirem parcialmente nos caminhos do Homem: isso porque de fato houve urgência. Às vezes na evolução da espécie surgem pedras a obstruírem o trajeto percorrido. Os Deuses, por meu intermédio, um caminho em meio às pedras (resposta à altura ao poeta). Roçaram-me dedos sublimes e divinos tão-somente para dizer: *you dormia*. Posso somente agora, enquanto termino estes manuscritos, recordar ter sentido a presença dos demais Deuses enquanto de Hélios fugia [nenhum deles vi; naquele instante, algo imperceptível devido meu pavor]. Senti-os *ascender*. Também Hélios o fora – se bem que não olhei uma segunda vez para conferir. Fizeram igualmente para provar: apesar de sonho, tudo foi real; sempre no tempo dos Deuses, não no meu. A tarefa excelsa fora terminada, o tapete limpo, o tear reconstruído. *Grande escolha Amior e seus capangas, por intermédio de Hélios, fizeram*. Apontaram os dedos iluminados – sujos como os das criaturas que ajudei a desconstruir – a um sujeito perdido, desmotivado; da parte deles, brincadeira. É complicado ser portador desta síndrome. Sempre quando olho minhas mãos {fi-lo incontáveis vezes enquanto escrevia estes}, ainda que o dedo mínimo não me tenha sido arrancado, sinto como se nele houvesse uma marca. Destoante. Indelével. Delatora. Corta-me a respiração o

pavor que surge no peito. E desaparece. Na sequência. Não passa de recordações emprestadas. De toda forma, emprestadas ou não, minhas; delas adonei-me, demente. Corta-me o coração – estou triste e triste sempre estarei. Hoje a lágrima da melancolia me faz cativo: sou produto da prostração, de minha aflição permanente. Do desgosto do que fui e passei a ser. Para meu desagrado, descobri recentemente. *Há uma marca em mim!*

A lágrima pelo meu rosto descera; a folha de papel em que eu escrevia, manchara; disse-me ela das coisas mais intrínsecas, as que por todo tempo ficaram escondidas de minha percepção. Enquanto mergulhava na imaginativa própria de Deuses, minha também, a todo instante lá estava o pingo de vida (mesmo quando clamava pela morte). Presente. Insinuante. Vez em quando casmurra, quando em vez sorridente [sorriso menos intenso do que o de Hélios]. Amorfa, certamente; não possuía forma definida a qual pudesse identificar. Acompanhava-me como a dizer: *bem, é só um instante; nunca é eterno*. Eu apenas não a percebia ali, a meu lado; não atinava que *vida* continuaria a partir do despertar; não reparava que haveria sequer um despertar, não obstante fosse claro como água. O grande sinal de que, desafortunado, viveria ainda, e viveria para outros – outros horrores futuros até minha morte, feito traquinice celestial; de que não adiantara clamar pela permanência em mundos quiméricos divos, tampouco clamar para que ali eu morresse. De pelo menos haver mais um temor a ser enfrentado {o que me garantiria um suspiro prolongado}; um horror a mais a ser experimentado. Posso sentir, hoje, esta energia me envolver. Na carne, fraca – tão-somente nos sonhos esfolada. E na alma. Esta a mais flagelada com a experiência, a despeito da carne aparentemente intacta. Por nela carregar um peso extra. Feito grilhão atado nalguma saliência que porventura se ligasse à carne ou a ela própria. Quiçá uma flor negra cuja presença denotasse a vilania divina para qual eu fora sacrificado. De virem os significados sutilmente me tomar o pouco de vida que me restara só por brinquedo, uma diversão no assombroso parque das fantasias; a bola oval que de mão em mão arremessada fora, até voltar. Não obstante eu ria, a tristeza me é dona, desventura toda minha; as lágrimas, uma manifestação de meu íntimo molestado. A marca não é visível – não em minha pele, muito menos no dedo. É exatamente na alma, em meu âmagos; somente meus olhos a veem. Além do rasgo continuamente aberto, as imagens que vi, os toques que senti, eu carrego igualmente a presença Deuses-Escolhidos-Mundos-Criaturas-Futuro extinguido – todos eles

dentro de mim. Porque tão-somente sinto; e apesar disso, dói. Ter carregado a Humanidade nas costas; o mundo inteiro, sem forças. E suportado – minha completa solidão, não mentiria dizer o vazio. A marca. Tudo aquilo ainda vive aqui dentro, no peito. Recordações vívidas, amargas. Deletérias. Meu desprazer por não ter conseguido desligar-me das fatalidades de um futuro das lembranças pego emprestado, próprio dos Deuses.

Sou pequeno fragmento daqueles acontecimentos de algum futuro não mais existente; a parte mantida do todo desconstruído. Enquanto eu viver, viverá também aquele porvir que pus fim.

Enquanto viver. Foi isso que havia em minha mão quando despertei – e não fui capaz de captar. Foi isso que recentemente descobri.

2

Finito?

Acho que perdi algo de mim. Raciocinando friamente, até aqui, neste mundo nada parece me assustar mais; mesmo que eu viva para outros horrores, uma casca formou-se em mim. Volto a falar: eu acho. Perdi talvez o pouco da vontade que me movia. Não sei se o medo ou a capacidade de senti-lo – perdi. *Quem haverá de saber dos enigmas da vida?* Digo, de outro modo, que sei: não entro em contradição. Afinal, não mudei. Apenas perdi. Não importa, porém, se o que ora sinto é ausência do medo ou minha incapacidade insuflando meu caráter: já havia perdido muito de mim naquele *Sombrio Desígnio*, o restante por ter sido de Hélio *O Escolhido*. Ficou alguma coisa em aberto? Não importa! Nada daquilo era para ter acontecido mesmo. Há, de certa forma, um misto dos horrores vistos; consigo, apesar disso, discerni-los. Estão retidos

em minha íris, como sempre (pois sim, quisera eu ter glórias e pomposidades quando enfim me for; nada disso terei). E se dos desígnios assombrosos do passado fui capaz de me restabelecer [parcialmente, por passagem se diga], com o tempo posso muito bem igualmente deste me recuperar – malgrado minha desdita, meu infortúnio em quimeras prodigiosas. Até com isso sonho, à noite, em busca da redenção. Nos sonhos noturnos tudo se repete; mistura-se; copulam. Cada dia passado, cada instante, cada movimento meu – percorro uma direção diferente dos demais da massa, aflito pela ignorância alheia; aflito da mesma forma pela mesquinhez do Homem, por ninguém ter conseguido ver. Não adianta amaldiçoar a decisão de ter viajado à Grécia em 2005. *Acaso não tivesse viajado* – não adianta. Houve um motivo para minha viagem, inegavelmente; uma sugestão descida dos céus e sutilmente incutida em minha cabeça, como a dizer ser eu um *escolhido*. E sem notar a inspiração, fui e voltei com uma coisa em mente: por mais que eu fuja, o horror sempre vai me encontrar.

Posso ponderar ter havido um aspecto bom naquela minha experiência; faço-o hoje porque tenho condições de pensar a respeito, tempo passado. Dizem que mesmo quando se lê um livro ruim pode-se tirar algo de interessante. O que me aconteceu? Digo ter sido enriquecedor porque é conhecimento – não obstante escuso; portanto mais um livro em minha vida. Apesar disso, o ponto inadequado é exatamente a amargura que levo comigo. É essa matéria qual sou formado a mesma da fantasia negra que fui servo.

Passei por inúmeros lugares até retornar – a meu corpo, a minha vida desprezível. Não faço ideia do que me acontecerá daqui para frente. Sinto, todavia, que o mundo não é mais o mesmo; há algo nele destoante [talvez as cores, mais cintilantes, nuas], algo que só meus olhos enxergam. A flor negra ofertada à Humanidade. Manancial de vivências eu sou {afinal, vidas fulguraram dentro de mim}; a uma sociedade altamente materialista, um embuste; acaso as pessoas se interessassem um pouco com o que sei, certamente não viveriam suas mazelas diárias; da mesma forma engodo divino. E, no entanto, continuei.

Há dentro de mim, atualmente, convicção de que, não importa o quão de meu ser se esvaia, terei ou encontrarei motivos. Minha caminhada, continuar. Carregando estigmas – não importa. Sombrio Desígnio precedeu um pouco do que encontrei

quando fui o Escolhido; todas estas, um preparo para algo maior. Não me é o bastante simplesmente fechar os olhos, exatamente porque não é assim que farei as coisas diferentes do que são. Tentar cavoucar chão cimentado com as mãos; eis uma metáfora que se adequa muito bem. Tocar adiante sem vontade própria, só com um impulso interno vindo sabe-se lá de onde. Ser dono de conhecimentos e não poder espriar (seria alvo de contestações, injúrias). Rico – e ao mesmo pobre. Sabedor de segredos variegados, os que poriam fim à cegueira humana, malgrado a óbvia proibição de falar, o silêncio que se me toldou ao meu retorno. Certamente a única condição a que me pus, de modo a preservar o nada que de mim resta, manter-me à distância de acusações vãs. Finito? Pois não. Tão-somente o relógio cujos ponteiros avançam lentamente: em cada número, uma sentença, uma nova perda. Um novo ou velho horror.

Epílogo

Pontos de vista. Afinal, o hediondo cósmico pode ser novo para mim, costumeiro e velho para os Deuses.

Tive todo esse tempo para refletir; todos esses anos para certificar-me de que nada daquilo se repetiria – senão em sonhos. Hélio evaporara de minha vida (para quem influenciara demasiadamente numa única vez, fatalmente presente estaria até o fim). Nunca mais o vi. Sequer uma menção literária a Amior eu li. É meu último dia em Istambul; o último dia neste hotel insalubre. Demorei a escrever este registro quase um mês; amanhã eu embarco de volta ao Brasil, terceira classe; as passagens, sobre a mesa, indicam o fim de um ciclo, início de outro. Há menos de um mês uma lágrima manchou as folhas desta fantasiosa crônica de horror, e agora, prestes a ir embora, certezas e dúvidas são minhas companheiras. Quão desafortunado fui realmente?

Dizem que se escrevermos nossas agonias, elas deixam de pesar, caem no ostracismo mental e se tornam registro material. Segui novamente esta premissa; herói e vilão concomitante, o tempo – fez-me aprender que o regalo às vezes é desagradável.

Não há nem nunca houve um ponto de partida. O horror apresentou-se pungente a carregar fantasias negras de mentes doentias no cangote. A sutileza fora a beleza do semblante de Hélio, o que ele significava; não teve sinal que me indicasse perigos e terrores. Como preparar-se para situações amargas, futuras? Restou-me lidar com as possibilidades faltantes; as poucas que estavam a meu alcance. Ao passo que doentia minha própria mente também o é. Afinal, meus reclames, meus recalques – nada significa. Senão, talvez, meu fracasso: como pessoa não passo de um indivíduo apagado, um doente mental, meu valor bastante reduzido. Feito fábula shakespeariana adejei o impossível, trazendo dele na palma da mão – *na alma* – um pedaço. Fui componente do divino. Peça na urdidura cósmica. Sou humano transviado, a inconveniência. O pária da sociedade. Meu significado? Nenhum.

Lá fora a chuva não dá tréguas.

Chafurdei no poço lamacento sem forças para lutar; no íntimo acreditando e me deixando fácil à força do vento cósmico. Pelas ofertas e dádivas de Hélio, Amior e de outros Escolhidos – abri minha mente. Fraquejei. Porque tê-la aberto (contra minha vontade) não foi nada salutar. Minha fraqueza, talvez, único impulso a me mover. Não falo apenas em terras fantasiosas; me é difícil aceitar que ainda respiro. Não pretendo prolongar meu relato. Acho ser o suficiente o que disse até aqui – pelo menos o bastante para exorcizar meus próprios demônios internos, as formas fantasmais a me obcecarem desde a chegada de Hélio, os cinco minutos eternos: o bastante para ter forças de largar a caneta, assumir nova vida, encarar um futuro. Analisando sob o ponto de vista de aprendizado, o que me ocorrera pode ser considerado uma grande metáfora. Para todos os efeitos, o fim nos leva a uma grande conclusão: afortunados e desgraçados se abraçam à morte. Resta ao coração que parar de bater, no instante em que cessar as badaladas vitais, na ascensão carregar consigo primordiais verdades.

Que poderia para um homem ser mais temível? Afirmando não ser a morte – embora a ideia concebida seja por si só assustadora. Tampouco as dúvidas do porvir,

os desastres iminentes. Não é sequer a prostração que também corre pelo meu corpo. Nunca foi o descontentamento que corrói neste plano nossa existência. Nem o hediondo que às vezes vê nossos olhos, ou nossos olhos a ele. Não. Jamais estive sob o manto da materialidade. Sempre foi algo imperceptível à nossa sensibilidade embrutecida. Manifestara-se tantas e quantas vezes na poesia, nos romances; nos poetas, nos romancistas. Nas minúcias mais tocantes, embora rejeitadas. É parte do todo, destoante do resto. Afirmo. No tocante a mim, no tocante a todos. Mais temível para um homem sempre foi e sempre continuará sendo apenas uma coisa. *Costume*.

Afinal – velhos hábitos nunca morrem.

Ando a vagar por este mundo feito sombra. Ando a espera de que os Deuses cumpram suas promessas.

Minha história não termina aqui.

Fim

24 fevereiro 2011

04 setembro 2013

